

ALIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS • ABRIL DE 1997



A LIAHONA



NA CAPA:

Ecce Homo (Eis o homem!), do artista italiano do século XIX, Antonio Ciseri; Alinari/Art Resource, New York. Essa cena mostra o momento em que Pilatos, o representante do governo romano na Judéia, entregou Jesus, açoitado, ao povo para seu julgamento final. (Ver a mensagem do Presidente Gordon B. Hinckley, "A Vitória sobre a Morte", p. 2.)

CAPA DA SEÇÃO INFANTIL:

Jesus e a Menininha, de John Steel. Usada com permissão da Providence Lithograph Company.

ARTIGOS

- 2 MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: A VITÓRIA SOBRE A MORTE
PRESIDENTE GORDON B. HINCKLEY
- 10 "QUE MANHÃ MARAVILHOSA!": A PRIMEIRA ORAÇÃO DE JOSEPH SMITH E A
PRIMEIRA VISÃO ÉLDER CARLOS E. ASAY
- 17 "DEUS VOS GUARDE..." DEANNE WALKER
- 20 A DESTEMIDA MARY ANN REX G. JENSEN
- 34 OS VENTOS DO EVANGELHO CHEGAM A CABO VERDE
ANDREW CLARK
- 38 GLÓRIA EM VEZ DE CINZA: O SACRIFÍCIO EXPIATÓRIO DE JESUS CRISTO
ÉLDER BRUCE C. HAFEN

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

- 8 CURA DE FERIDAS ESPIRITUAIS JEANETTE WAITE BENNETT
- 26 PLANEJAMENTO DE UM DISCURSO BEM-SUCEDIDO
DARRIN LYTHGOE
- 28 MEU TÃO ESPERADO CASAMENTO NO TEMPLO PATRICIA E. MCINNIS
- 31 COMPARTILHAR O LIVRO DE MÓRMON VÍCTOR CAMARGO
- 32 A VIAGEM PARA CASA JENNIFER GANTT ABSHER

DEPARTAMENTOS

- 1 COMENTÁRIOS
- 25 MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: RECONHECER A VERDADE

SEÇÃO INFANTIL

- 2 HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: JESUS CRISTO ENSINA A
RESPEITO DO SACRAMENTO E DA ORAÇÃO
- 4 FICÇÃO: SEMANA SECRETA JENNIFER JENSEN
- 7 PAZ NA OBEDIÊNCIA
ÉLDER REX D. PINEGAR
- 8 HISTÓRIA DA PÁScoa
MARITA SCHUGK
- 10 TEMPO DE COMPARTILHAR: ARRE-
PENDIMENTO — DEIXAR DE FAZER O
ERRADO E FAZER O CERTO
KAREN ASHTON
- 12 SÓ PARA DIVERTIR
- 13 FAZENDO AMIGOS: DAN BALL, DE
JERUSALÉM JAMIE MCOMBER
- 16 PARA OS AMIGUINHOS:
SENTIMENTOS PAT GRAHAM



A Primeira Presidência: Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson, James E. Faust

Quórum dos Doze: Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales, Jeffrey R. Holland, Henry B. Eyring.

Editor: Jack H. Goasland

Consultores: L. Lionel Kendrick, Wm. Rolfe Kerr

Administradores do Departamento de Currículo:

Diretor Gerente: Ronald L. Knighton

Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly

Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg

Equipe Editorial:

Editor Gerente: Marvin K. Gardner

Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson

Editores Adjuntos: David Mitchell, DeAnne Walker

Assistente Editorial: Jenifer Greenwood

Coordenadora Editorial e de Produção: Maryann Martindale

Assistente de Publicações: Beth Dayley

Equipe de Diagramação:

Gerente Gráfica da Revista: M. M. Kawasaki

Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen

Diagramação: Sharri Cook

Gerente de Produção: Jane Ann Peters

Produção: Reginald J. Christensen, Denise Kirby,

Matthew H. Maxwell

Equipe de Assinaturas:

Diretor: Kay W. Briggs

Gerente de Circulação: Kris Christensen

Gerente: Joyce Hansen

A Liahona:

Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance

Editor: Luiz Alberto Andrade Silva (Reg. 17.605)

Tradução: Reynaldo J. Pagura

Notícias Locais: Antônio Fernandes Macedo

Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

ASSINATURAS: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada a:

Departamento de Assinaturas de A Liahona

Caixa Postal 26023

05599-970 – São Paulo, SP

Preço da assinatura anual para o Brasil: R\$ 15,00.

Preço por exemplar em nossa agência: R\$ 1,50.

Para Portugal – Centro de Distribuição Portugal,

Rua Ferreira de Castro, 10 – Miratejo, 2800 – Almada.

Assinatura Anual: 1.300\$00; Para o exterior: Exemplar

avulso: US\$ 3,00, Assinatura: US\$ 30,00.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – ©1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. A edição brasileira de "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº4857, de 9-11-1930. "International Magazines" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são publicados mensalmente em chinês, dinamarquês, holandês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português,

samoaano, espanhol, sueco, e tonganês; seis vezes por ano em indonésio e tailandês; e trimestralmente em búlgaro, checo, húngaro, islandês e russo. Impressão: ULTRAPRINT Impressora Ltda. – Rua Bresser, 1224 – Brás – São Paulo – SP. Devida à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional de "International Magazines". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 – 05512-300 – São Paulo – SP. Telefone (011) 818-0344.

The A LIAHONA (ISSN 1044-3428) is published by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. USA and Canadian subscription price \$9.00 per year. Sixty days' notice required for change of address. Include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send USA and Canadian subscriptions and queries to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA. Subscription helpline telephone number: 1-800-453-3860. U.S. Ext. 2947, Canada Ext. 2031. Periodicals postage paid at Salt Lake City.

Printed in Brazil.

POSTMASTER: Send address changes to Salt Lake Distribution Center, Church Magazines, P.O. Box 26368, Salt Lake City, Utah 84126-0368, USA.

COMENTÁRIOS

CONFORME NOSSA FÉ

Graças à leitura da *Liahona* (espanhol), fiquei sabendo de membros da Igreja dos antigos países comunistas que, depois de anos de paciente espera, servem agora como missionários; tomei conhecimento da visita do Presidente Hinckley ao México; aprendi a importância dos eventos históricos da Restauração; e consigo entender melhor a sabedoria presente no Velho Testamento, no Novo Testamento e nas revelações dos profetas modernos. Acima de tudo, sei que a *Liahona* continua guiando e ensinando exatamente como a *liahona* dos dias de Leí: conforme nossa fé. (Ver 1 Néfi 16:28–29; Alma 37:38–40.)

Sergio Trejo Reyes

Ramo Ameca

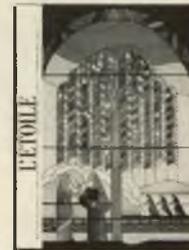
Estaca Guadalajara México Unión

vida. O fato de eu saber o propósito da vida dá-me um novo senso de direção, uma nova esperança e um novo começo. Nunca me arrependi da decisão de tornar-me um membro desta Igreja.

Mary Lee Joy Sigayo

Ramo II de Biñan

Estaca Las Piñas Filipinas



UM GUIA ESPIRITUAL

Junto com as escrituras, *L'ETOILE* (francês) é meu guia espiritual. Encontro forças dentro de mim mesma nas experiências de irmãos e irmãs de todo o mundo. A revista fortalece meu testemunho da veracidade do evangelho e ajuda-me a conhecer melhor a mim mesma.

Sister Yobo Dorcas

Missão Costa do Marfim Abidjan

FELIZES POR OBEDECER

Sabemos que nosso Pai Celestial e Jesus Cristo vivem. Recebemos força da expiação de Jesus Cristo e isso nos estimula a perseverar até o fim. Jesus Cristo é nosso Salvador. Nós o amamos e somos felizes por obedecer a Seus mandamentos e por pertermos a Sua Igreja, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

Moças da Ala Aeropuerto

Estaca Ciudad Obregón México Yaqui

UMA GRANDE DIFERENÇA

Descobri que aceitar o evangelho pode fazer uma grande diferença na vida de uma pessoa. Pode transformar um coração rebelde e proporcionar mais entusiasmo à



A VITÓRIA SOBRE A MORTE

Presidente Gordon B. Hinckley

Que época do ano maravilhosa é a Páscoa! É o dia em que, juntamente com os cristãos de todo o mundo, celebramos o mais significativo evento da história da humanidade: a Ressurreição do Filho de Deus, Seu retorno da morte à vida. De todos os aspectos da mortalidade, nada é tão certo quanto a morte. Quão trágico e pungente é o sofrimento dos que ficam para trás. A viúva sofredora, a criança órfã de mãe, o pai desolado e solitário, todos são testemunhas da dor causada pela separação.

Entretanto, graças damos a Deus pela maravilha e majestade de Seu plano eterno. Elevamos nossa gratidão e louvor a Seu Filho Amado, que com sofrimento indescritível deu a vida na cruz do Calvário para pagar a dívida dos pecados de todos os mortais. Foi Ele quem, por meio de Seu sacrifício expiatório, rompeu as cadeias da morte e com poder divino ergueu-Se triunfantemente do sepulcro. Ele é nosso Redentor, o Redentor de toda a humanidade. É o Salvador do mundo; o Filho de Deus e a causa de nossa salvação.



MARIA NO SEPULCRO, DE HAROLD COPPING;
USADO COM A PERMISSÃO DE PROVIDENCE
LITHOGRAPH COMPANY.

Maria Madalena foi com outras mulheres até o sepulcro. Lá chegando, viram um anjo que lhes disse: "Sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui, porque ressuscitou, como havia dito". (Mateus 28:5-6)

“Morrendo o homem, porventura tornará a viver?” (Jó 14:14) Essa foi a grande pergunta universal feita por Jó. Sua dúvida expressa algo sobre o que todos os homens e mulheres vivos já meditaram. De todos os milhões que haviam vivido na Terra até aquela data, Cristo foi o primeiro a erguer-Se, triunfante, da sepultura: uma alma viva e completa, com espírito e corpo. Ele tornou-Se “as primícias dos que dormem”. (I Coríntios 15:20) Acaso houve palavras mais significativas do que as proferidas pelo anjo, na manhã daquela primeira ressurreição: “Por que buscais o vivente entre os mortos?” (Lucas 24:5) “Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito.” (Mateus 28:6)

Sua morte selou o testemunho de Seu amor por toda a humanidade. Sua Ressurreição abriu as portas da salvação para os filhos e filhas de Deus de todas as gerações.

Em toda a história nunca houve majestade como a Dele. Cristo, o poderoso Jeová, condescendeu em nascer na vida mortal em um estábulo de Belém. Passou a infância como menino em Nazaré e “crescia (. . .) em sabedoria e em estatura, e em graça para com Deus e os homens”. (Lucas 2:52)

Sua Crucificação

Foi batizado por João nas águas do Jordão, “e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba e vindo sobre ele.

E eis que uma voz dos céus dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo”. (Mateus 3:16-17)

Nos três anos de Seu ministério terreno, fez o que ninguém havia feito antes; ensinou como ninguém jamais ensinara anteriormente.

Chegado foi, então, o momento de ser oferecido em sacrifício. Tomou a ceia no cenáculo. Foi Sua última ceia com os Doze na mortalidade. Ao lavar-lhes os pés, deu-lhes uma lição de humildade e serviço ao próximo da qual nunca se esqueceriam. Seguiu-se o sofrimento no Getsêmani, “sofrimento que me fez”, disse Ele, “mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor e

sangrar por todos os poros, sofrer, tanto corporal como espiritualmente”. (D&C 19:18)

Foi preso por pessoas ríspidas e grosseiras, no meio da noite, o que era contrário à lei. Foi levado primeiro a Anás e depois a Caifás, o ardiloso e perverso oficial do Sinédrio. Na manhã seguinte, compareceu pela segunda vez perante aquele homem traiçoeiro e corrupto. Em seguida, foi levado até Pilatos, o governador romano, que ouvira da esposa o seguinte conselho: “Não entres na questão desse justo”. (Mateus 27:19) O romano, querendo eximir-se da responsabilidade, enviou-O a Herodes, o corrupto, devasso e cruel tetrarca da Galiléia. Cristo foi então espancado e maltratado. Puseram-Lhe uma coroa de afiados espinhos entrelaçados; em zombaria, cobriram-Lhe o dorso ensangüentado com um manto púrpura. Foi novamente levado até Pilatos, a quem a multidão exigiu em alta voz: “Crucifica-o, crucifica-o”. (Lucas 23:21)

Com passos trôpegos, caminhou até o Gólgota, onde Seu corpo ferido foi pregado à cruz, no mais desumano e doloroso método de execução já concebido por mentes sádicas.

Apesar disso, clamou: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”. (Lucas 23:34)

Passaram-se as horas, enquanto Sua vida se esvaía em dor. A Terra tremeu; o véu do templo rasgou-se ao meio. De Seus lábios ressequidos ouviram-se as palavras: “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”. (Lucas 23:46)

Estava consumado. Sua vida mortal chegara ao fim. Ele a oferecera em resgate de todos.

A Vitória sobre a Morte

Aqueles que O amavam perderam as esperanças. Esqueceram-se das promessas que Ele fizera. Seu corpo foi rápida porém carinhosamente colocado em um sepulcro emprestado, na véspera do sábado judeu. O sábado teve seu início e fim. Bem cedo na manhã do domingo, Maria Madalena e outras mulheres foram até o sepulcro. Aproximaram-se correndo, espantadas de ver que a

pedra havia sido afastada da entrada do sepulcro. Lá chegando, viram um anjo que lhes disse: "(. . .) Sei que buscais a Jesus, que foi crucificado.

Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito (. . .)" (Mateus 28:5-6)

Isso nunca havia acontecido antes. O sepulcro vazio era a resposta da eterna pergunta. Bem disse Paulo, ao indagar: "Onde está, ó morte, o teu aguilhão? Onde está, ó inferno, a tua vitória?" (I Coríntios 15:55)

O milagre daquela manhã de ressurreição, o primeiro domingo de Páscoa, foi um milagre para toda a

humanidade. É o milagre do poder de Deus, Cujo Filho Amado entregou Sua Vida para expiar pelos pecados de todos, um sacrifício de amor por todos os filhos e filhas de Deus. Com isso, Ele rompeu as cadeias da morte.

Puseram-Lhe na cabeça uma coroa de espinhos afiados; em zombaria, cobriram-Lhe o dorso ensangüentado com um manto púrpura. Depois, foi levado perante Pilatos, a quem a multidão exigiu em alta voz: "Crucifica-o, crucifica-o". (Lucas 23:21)



ECCE HOMO (EIS O HOMEM), DE ANTONIO CISERI, ALinari/ART RESOURCE, NOVA YORK

Todos morreremos um dia. Mas esse não será nosso fim. Assim como Ele, no mundo espiritual, ensinou aos que podiam ser ensinados, da mesma forma todos nós continuaremos a viver como pessoas distintas e capazes de aprender, ensinar e realizar outras atividades.

Assim como Ele retomou Seu corpo e ergueu-Se do sepulcro, todos nós também desfrutaremos a reunião do corpo com o espírito e nos tornaremos almas viventes no dia de nossa própria ressurreição.

Regoziamo-nos, portanto, como muitas outras pessoas o fazem e como deveria fazer toda a humanidade, ao lembrarmos-nos do mais glorioso, consolador e reconfortante de todos os acontecimentos da história da humanidade: a vitória sobre a morte.

A Veracidade da Ressurreição

Prestamos nosso solene testemunho a todo o mundo. Lemos o testemunho dos que participaram daqueles três dias de dor, sofrimento e regozijo. Lemos sobre o sofrimento dos que Dele testificaram e de livre e espontânea vontade preferiram sacrificar a própria vida a negar a veracidade do que haviam visto. Lemos o testemunho dos que viveram na Palestina, e também dos que estavam no Novo Mundo e receberam a visita do Senhor ressurrecto. O Espírito testificou a nosso coração, confirmando a veracidade desses testemunhos.

Temos também o testemunho de alguém que convervou com o Cristo vivo e Seu Pai Eterno, no início desta dispensação, e deu sua vida para selar esse testemunho com o próprio sangue. Ele declarou solenemente:

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram Dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos Dele: que Ele vive!

Pois vimo-Lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que Ele é o Unigênito do Pai —

Que por Ele, por meio Dele e Dele são e foram os mundos criados, e os seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus.” (D&C 76:22–24)

Solenemente e tendo pleno entendimento da

“E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram Dele, este é o testemunho, último de todos, que nós damos Dele: que Ele vive! Pois vimo-Lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que Ele é o Unigênito do Pai.” (D&C 76:22–23)

seriedade de nossa declaração, acrescentamos nosso testemunho da veracidade da Ressurreição ao de todo o mundo, declarando que esse mesmo Jesus que Se ergueu do sepulcro ascendeu ao céu. Proclamamos que nesta dispensação dos tempos Ele voltou à Terra para restaurar o puro evangelho que ensinou enquanto vivia entre os homens, e que com essa restauração recebemos outros testemunhos de sua veracidade e também o santo sacerdócio, que foi concedido aos homens e é exercido em Seu nome. Esse é nosso testemunho, que prestamos em nome de Jesus Cristo. Convidamos toda a humanidade a aceitá-lo, a fim de regozijarem-se com as bênçãos que recebemos ao seguir os ensinamentos de nosso Senhor ressurreto, o Salvador da humanidade. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Já expressou o que todos os mortais já ponderaram: “Morrendo o homem, porventura tornará a viver?”

2. O milagre da ressurreição do Senhor é um milagre para toda a humanidade. Este é o mais consolador e reconfortante de todos os acontecimentos da história da humanidade: Sua vitória sobre a morte.

3. Além das testemunhas do Novo Testamento, que testificaram a respeito da ressurreição de Cristo, temos o depoimento de testemunhas modernas que viram o Salvador ressuscitado e ouviram Sua voz.

4. Convidamos todos a aceitarem o depoimento dessas testemunhas a fim de regozijarem-se com as bênçãos que recebemos ao seguir os ensinamentos do Filho ressurreto de Deus, o Salvador de toda a humanidade, Jesus Cristo.



CURA DE FERIDAS ESPIRITUAIS

Jeanette Waite Bennett

Eu nem sempre prestava atenção. Tendo ouvido as orações sacramentais todas as semanas desde a infância, comecei a não prestar atenção a elas. Se eu tinha algum pensamento que achasse mais interessante, deixava a mente vagar.

Um domingo, porém, ao baixar a cabeça durante o sacramento, reparei em minhas mãos. Estavam arranhadas em vários locais. Um arranhão fora causado por um tombo de bicicleta numa noite em que meus pais me disseram para não sair; outro, quando fui descuidada e caí da escada. Minhas mãos tinham várias marcas de coisas que eu havia feito.

Algumas marcas eram mais velhas que outras, mas eu sabia que a maioria delas sararia com o tempo. Ao tocar suavemente os arranhões, pensei nos ferimentos das mãos de outra pessoa e como aquelas cicatrizes eram vitais para nós. Jesus Cristo suportou um imenso sofrimento para nosso bem-estar espiritual.

Percebi que assim como meu corpo tinha marcas físicas que estava tentando curar, meu espírito também estava marcado e ferido por erros que eu havia cometido. O Pai Celestial sabia que nós nos feriríamos espiritualmente na Terra, e por isso

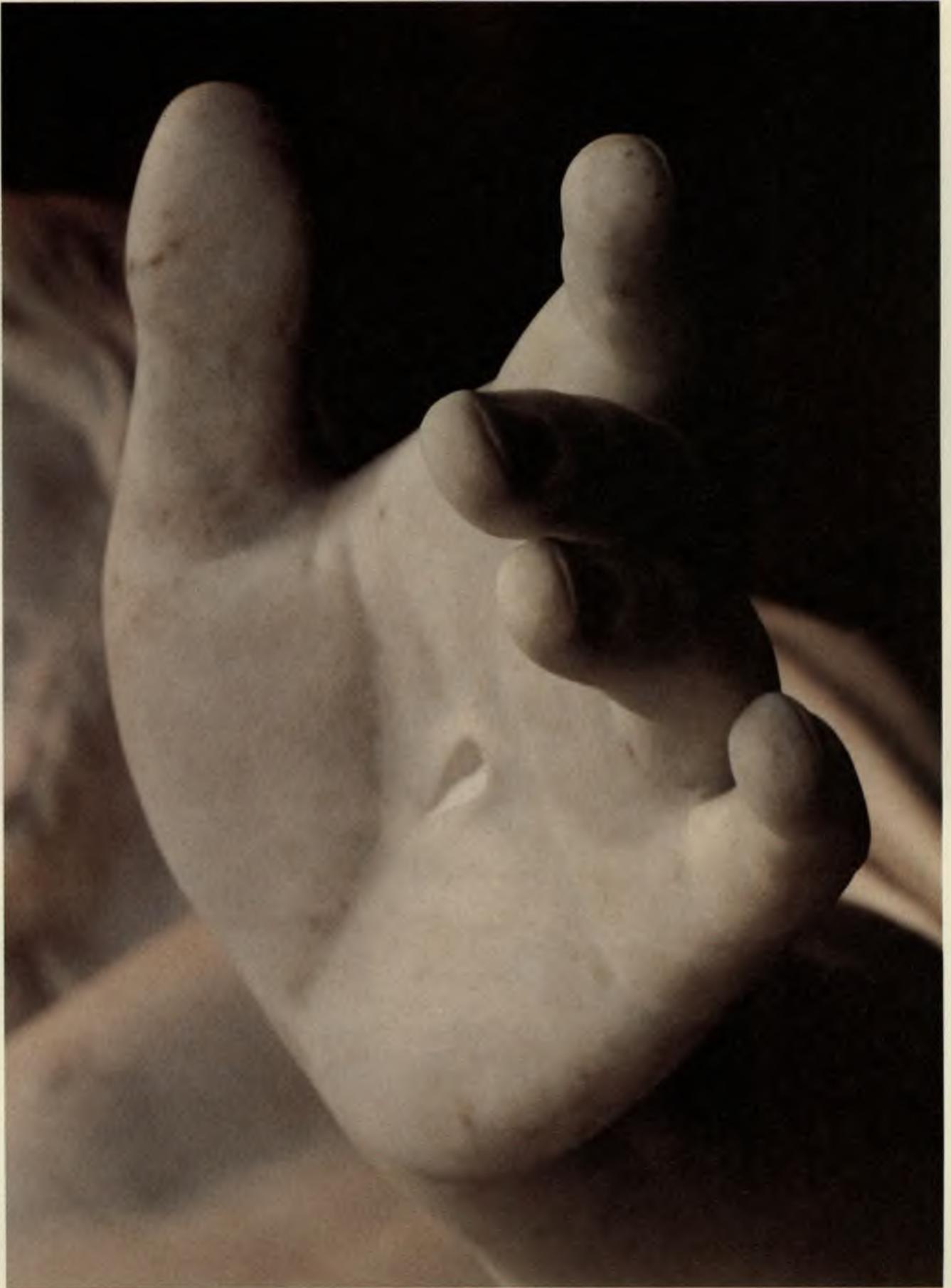
enviou Seu Filho para ajudar-nos a curar nossas feridas.

Ao começar a ouvir mais atentamente as orações sacramentais, percebi que se eu tomasse o sacramento e renovasse meus convênios, o Senhor poderia limpar os ferimentos internos de minha alma. Ao longo dos anos, eu havia sido antipática para com minha família, ingrata para com minhas líderes das Moças e havia falhado de outras formas. Minha alma estava manchada e não mais desfrutava a perfeição original. Eu conhecia a fórmula para a cura de feridas físicas, mas o modo de curar cicatrizes espirituais não me parecera tão óbvio até eu ouvir atentamente as orações, que dizem: "(...) guardar os mandamentos que Ele lhes deu, para que possam ter sempre consigo o Seu Espírito". (D&C 20:77)

Posso ser curada por meio da expiação de Jesus Cristo.

Sou grata pelo que as leves cicatrizes de minhas mãos me lembram quando partilho do sacramento. A cada domingo, comprometo-me a tentar viver a semana seguinte sem causar arranhões internos e lembro-me de que as feridas que tenho na alma podem ser curadas se eu guardar os mandamentos e prestar atenção aos sussurros do Espírito Santo. □







“Que Manhã Maravilhosa”

A Primeira Oração de Joseph Smith e a Primeira Visão

Por muitos anos, os santos dos últimos dias têm cantado com dignidade e ternura o hino inspirado “Que Manhã Maravilhosa”, de autoria de George Manwaring. A letra dessa música sagrada descreve uma aparição de Deus ao homem e faz estremecer a alma de todos os que nela crêem. Reparem na pitoresca beleza destas palavras:

*Que Manhã Maravilhosa!
Brilha o sol no céu de anil
Que canção gentil, maviosa,
Das abelhas e aves mil!*

*Lá no bosque, fervoroso,
José ora ao Pai de amor (. . .)*

*E humilde, ajoelhado,
Graças ao Senhor pediu
Quando a força do pecado
Sua alma confundiu.
Ele sabe que o Eterno
Guiará os passos seus (. . .)*

*E no céu vê refulgente,
Mais brilhante que o sol,
O poder do Onipotente,
Com fulgores do arrebol.
Eis que descem do infinito
Deus, o Pai, e o Filho seu (. . .)*

*“Eis meu Filho Bem Amado.
Ouve-o”, diz a voz de amor,
E assim arrebatado
Na presença do Senhor
Doce enlevo lhe enche a alma
Porque viu o eterno Deus.
(Hinos, número 12.)*

Como descrito no hino, a primeira oração em voz alta de Joseph Smith resultou numa experiência extraordinária que hoje milhões de pessoas conhecem como a Primeira Visão. Foi a primeira de muitas visões que o Profeta Joseph Smith recebeu durante seu curto ministério na mortalidade.



vilhosa!”

Elder Carlos E. Asay, Membro Emerito dos Setenta

O BOSQUE SAGRADO, DE AL ROUNDS

Foi o primeiro de uma série de eventos que deram início à dispensação da plenitude dos tempos — um período em que haveria uma restauração de tudo o que fora proferido por todos os santos profetas desde o princípio do mundo. (Ver Atos 3:18–21.) Foi a primeira de várias ocorrências espirituais que acompanharam a restauração do evangelho de Jesus Cristo e o estabelecimento da “única igreja verdadeira e viva”. (D&C 1:30) Foi o início de um movimento mundial destinado a seguir avante “até que encha toda a Terra”. (D&C 65:2)

Mas a primeira visão de Joseph

Smith não foi a primeira dessa natureza na história da humanidade. Moisés viu Deus face a face e falou com Ele. Na ocasião, Moisés ficou sabendo qual era seu parentesco com Deus — que ele era um filho de Deus, “à semelhança do [Seu] Unigênito”. (Moisés 1:6) Aprendeu também a respeito das trevas de Satanás e da glória da Deidade em contraste com a presente condição do homem. (Ver Moisés 1:2–20.)

O Apóstolo Paulo testemunhou que Jesus de Nazaré apareceu-lhe na estrada para Damasco e mudou o curso de sua vida. (Ver Atos

26:9–23.) Seu relato da visão celestial fez com que o Rei Agripa dissesse: “Por pouco não me persuades a que me faça cristão”. (Versículo 28 — Tradução livre da versão do Rei Jaime da Bíblia.) Quem sabe quantas pessoas Paulo converteu durante

A Primeira Visão no Bosque Sagrado, retratada acima como deve ter ocorrido, em 1820, foi a primeira de inúmeras ocorrências espirituais que acompanharam a restauração do evangelho de Jesus Cristo.

Certo dia, aos 14 anos de idade, enquanto lia a Bíblia, Joseph leu Tiago 1:5. Mais tarde, escreveu: “Nunca uma passagem de escritura veio com mais poder ao coração do homem do que esta, nesse momento, ao meu”. (Joseph Smith 2:12)



JOSEPH SMITH BUSCA SABEDORIA NA BIBLIA, DE DALE KILBOURN

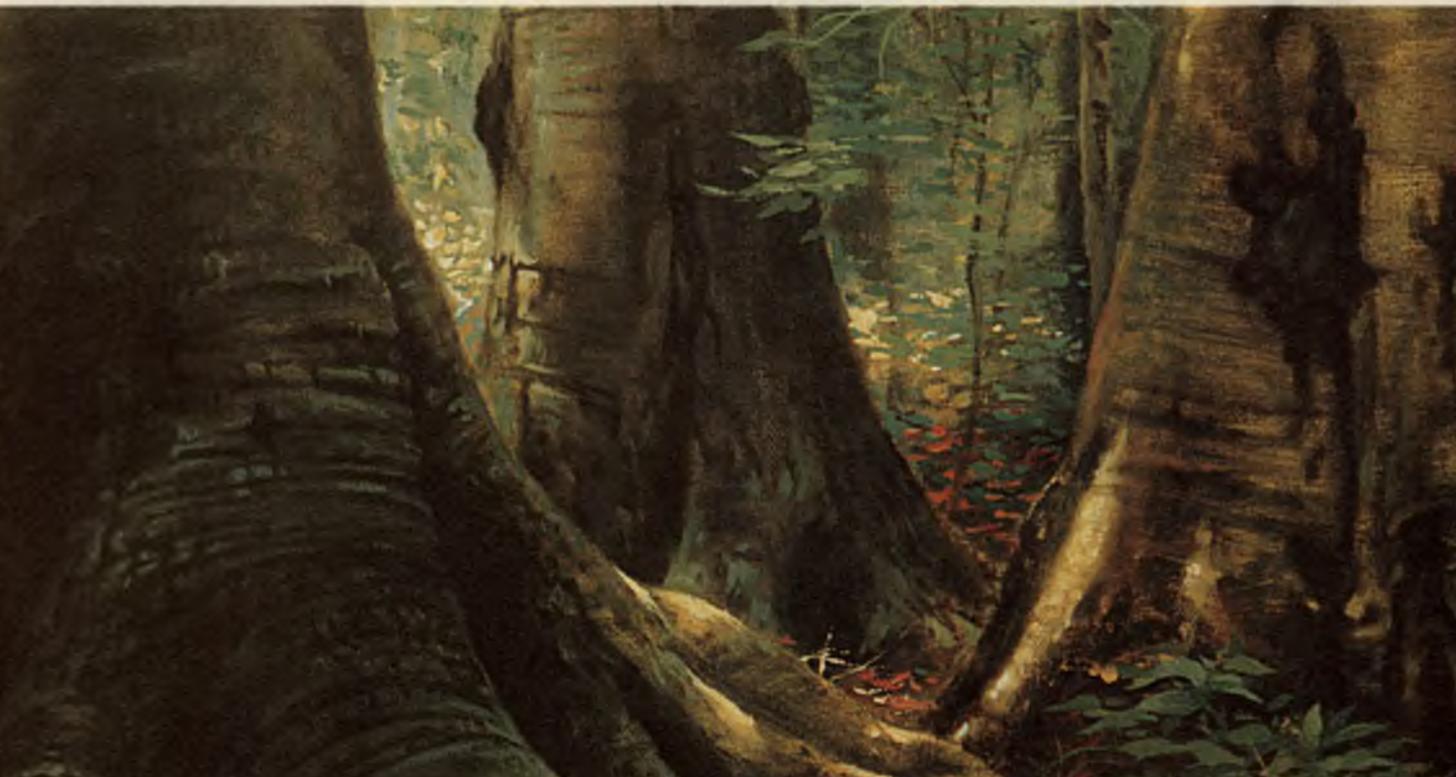
suas viagens missionárias após sua incrível visão? Outros, como Leí, Néfi e Alma, podem somar-se à lista de privilegiados que receberam manifestações maravilhosas dos poderes divinos. Cada visão recebida e registrada foi, por si só, gloriosa, e aconteceu de acordo com a vontade divina e com o fim de cumprir propósitos divinos.

Alguém poderia perguntar que

propósitos divinos foram cumpridos pela manifestação ocorrida num bosque perto de Palmyra, Nova York, na primavera de 1820. A resposta a essa pergunta satisfaz apenas aqueles que entendem as circunstâncias em meio às quais ocorreu esse fato ímpar. Uma longa noite de treva espiritual, incomum tumulto religioso, divisões entre os que se

diziam cristãos, pessoas simples do campo procurando maior conhecimento de assuntos divinos, e outras condições específicas prepararam o cenário para a entrada do Profeta Joseph num drama que se desenrola até hoje. Eis a seguir alguns dos muitos propósitos cumpridos e as pepitas de verdade extraídas da mina de ouro da Primeira Visão.

1. Não há vencedores em guerras de palavras. Joseph aprendeu que não há vencedores na confusão de opiniões sobre assuntos religiosos. Tal contenda favorece a Satanás, que é o “pai da discórdia”. (3 Néfi 11:29) Ele é o diabo, que põe sacerdote contra sacerdote e converso contra converso, criando rivalidades ou despertando bons sentimentos que são mais aparentes do que reais.



(Ver Joseph Smith 2:6.)

Ademais, Joseph constatou o fato de que os assuntos cruciais relacionados ao Espírito não podem ser resolvidos somente “pela consulta à Bíblia”, já que ministros de diferentes religiões entendiam a mesma passagem bíblica de maneiras diversas. (Joseph Smith 2:12)

2. Os poderes e as trevas satânicos são reais. Joseph ficou conhecendo o “poder de algum ser real do mundo invisível”, que travou-lhe a língua e envolveu-o em intensa escuridão quando ele começou a orar. (Joseph Smith 2:16; ver também o versículo 15.) Esse poder era exercido pelo ser perverso, que via Joseph como uma ameaça a seu reino de pecado e erro.

Poucos homens incomodaram e

perturbaram o adversário mais do que Joseph, poucos sentiram os poderes combinados das trevas mais do que ele, e poucos triunfaram sobre Satanás mais nobremente do que ele. (Ver Joseph Smith 2:20.)

3. Os poderes de luz e verdade são de Deus. Enquanto orava para ser libertado da força que lhe travara a língua e criara dentro dele uma sensação de destruição, Joseph aprendeu o que Moisés aprendera séculos antes sobre a escuridão e nulidade de Satanás, comparadas à luz e liberdade associadas a Deus. (Ver Moisés 1:10–15.) Disse Joseph:

“Vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol, que gradualmente descia até cair sobre mim.

Logo após esse aparecimento,

senti-me livre do inimigo que me havia sujeitado.” (Joseph Smith 2:16–17)

“Luz e verdade [verdadeiramente] renunciam ao ser perverso.” (D&C 93:37) Os poderes das trevas verdadeiramente fogem ante os poderes da luz, exatamente como a noite dá lugar à aurora.

4. O Deus único e verdadeiro e Jesus Cristo apareceram.

“Concluindo que, se [Deus] dava sabedoria aos que necessitavam dela, e a daria liberalmente e não a lançaria em rosto, (. . .) retirei-me para um bosque, a fim de realizar o meu intento (. . .) [de] orar em voz alta.” (Joseph Smith 2:13–14)

O BOSQUE SAGRADO, DE GREG K. OLSEN





“Vi uma coluna de luz acima de minha cabeça, de um brilho superior ao do sol (. . .). Quando a luz repousou sobre mim, vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiavam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar.” (Joseph Smith 2:16–17)

Contemplando a glória do Pai e do Filho, Joseph aprendeu que era feito à imagem de Deus, exatamente como as escrituras atestam. “Quando a luz repousou sobre mim”, escreveu Joseph, “vi dois Personagens, cujo resplendor e glória desafiavam qualquer descrição, em pé, acima de mim, no ar. Um Deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: ‘Este é o Meu Filho Amado. Ouve-O.’” (Joseph Smith 2:17)

Em questão de poucos momentos, o abominável mito de um Deus impessoal, indiferente e incompreensível estava desfeito. A verdadeira natureza de um Pai Celestial — o pai de nossos espíritos — foi revelada por Ele e por Seu Filho Amado, Jesus Cristo, o mesmo que expiou os pecados da humanidade. (Ver Hebreus 12:9)

George Q. Cannon disse: “Mas tudo isso (os mitos da cristandade) foi varrido em um momento pelo aparecimento do próprio Todo-Poderoso (. . .). Num instante, toda essa escuridão desapareceu e uma vez mais havia um homem sobre a Terra, um ser mortal de carne e

ossos, que vira Deus, que vira Jesus, e que podia descrever a personalidade de ambos". (*Journal of Discourses*, 24:371–372)

5. A unidade do Pai e do Filho foi revelada. Joseph aprendeu, num único olhar e por meio de poucas palavras, a verdadeira doutrina da unicidade da Trindade — uma doutrina que havia sido confundida durante séculos por homens mal orientados. Joseph viu diante de si dois personagens separados e distintos, exatamente como o são um pai e um filho terrenos. Contudo, os dois personagens mostravam uma unidade de opinião e propósito que não pode ser refutada. O Pai expressou Seu amor pelo Filho e convidou-O a falar, sabendo que o Filho diria o mesmo que o Pai diria se tivesse preferido Ele mesmo falar.

Uma vez esclarecida essa doutrina, não havia mais necessidade de se especular a respeito das palavras do Salvador registradas em João 17:20–21:

“E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela sua palavra hão de crer em mim;

Para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste.”

6. Nenhuma das igrejas da época estava certa. Joseph recebeu a instrução de não se unir a qualquer delas. Ele relata:

“Meu objetivo ao me dirigir ao Senhor foi saber qual de todas as sei-

tas era a verdadeira, a fim de saber a qual unir-me. Portanto, tão logo voltei a mim o suficiente para poder falar, perguntei aos Personagens que estavam na luz acima de mim, qual de todas as seitas era a verdadeira e a qual deveria unir-me.

Foi-me respondido que não me unisse a nenhuma delas, porque todas estavam erradas (. . .).” (Joseph Smith 2:18–19)

Essa resposta deve ter perturbado Joseph a princípio, pois havia membros de sua família afiliados a uma fé específica e ele próprio era inclinado a filiar-se a outra. Mas Deus havia falado e quem era Joseph para questioná-Lo?

7. Os erros das igrejas da época foram-lhe mostrados. Joseph veio a saber por que não deveria unir-se a qualquer das igrejas: “O Personagem que se dirigiu a mim disse que todos os seus credos eram uma abominação a Sua vista; que todos aqueles mestres eram corruptos; que: ‘Eles se chegam a mim com seus lábios, porém, seus corações estão longe de mim; eles ensinam como doutrinas os mandamentos dos homens, tendo uma religiosidade aparente, mas negam o Meu poder’”. (Joseph Smith 2:19)

Tendo visto o que viu e ouvido o que ouviu, como poderia Joseph filiar-se a uma seita inaceitável para o Todo-Poderoso? Talvez alguns daqueles religiosos fossem “humildes seguidores de Cristo; não obstante [eram] guiados de tal maneira que [erravam] em muitas coisas, por que [eram] ensinados pelos preceitos dos

homens”. (2 Néfi 28:14)

Talvez houvesse esforços honestos sendo feitos, mas o que quer que fosse, era insuficiente “para ensinar a qualquer homem o caminho reto”. (2 Néfi 25:28)

8. O testemunho de Tiago era verdadeiro. Joseph aprendeu que “o testemunho de Tiago era verdadeiro — que um homem que necessitasse de sabedoria podia pedi-la a Deus, e obtê-la, sem ser censurado”. (Joseph Smith 2:26)

Ele também aprendeu que uma alma do começo do século XIX era tão preciosa para Deus como uma alma do tempo de Moisés ou do meridiano dos tempos; se não, por que o Senhor responderia a sua humilde oração e lhe apareceria em pessoa? Ademais, Joseph aprendeu que aqueles que se humilham e buscam a Deus com fé inabalável e com o coração quebrantado e o espírito contrito podem receber Dele revelações pessoais.

9. Joseph Smith tinha uma missão. Três anos após sua visão, Joseph soube “que Deus tinha um trabalho a ser feito por [ele]” e que seu “nome seria conhecido por bem ou por mal entre todas as nações, famílias e línguas”. (Joseph Smith 2:33)

Essa declaração foi cumprida por meio da publicação do Livro de Mórmon, da restauração do santo sacerdócio, do estabelecimento da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e da pregação da plenitude do evangelho por todo o mundo.

“Um Deles falou-me, chamando-me pelo nome, e disse, apontando para o outro: ‘Este é o Meu Filho Amado. Ouve-O.’” (Joseph Smith 2:17)

10. Joseph tornou-se uma testemunha especial de Deus e Seu Filho, Jesus Cristo. Amarga perseguição e injúrias acompanharam o Profeta Joseph pelo resto de sua vida — do bosque à sepultura. Mesmo assim ele permaneceu fiel a sua palavra e a sua missão especial. Ele disse: “(Eu) havia visto uma visão; eu o sabia, e compreendia que Deus o sabia, e não podia negá-lo”. (Joseph Smith 2:25) E à tenra idade de 38 anos e meio, Joseph Smith morreu como mártir, tendo selado seu testemunho com seu sangue — um testemunho fundado na Primeira Visão.

Estas e outras verdades associam-se à primeira visão do Profeta Joseph Smith. Cada uma das 10 verdades acima constitui um raio vigoroso de luz viva que penetrou a longa noite de trevas e apostasia que há séculos mantinha a humanidade em cativeiro espiritual. Todos os raios juntos proporcionaram um sol de inteligência que tem levado muitos homens e mulheres para mais perto de Deus. Como resumiu Orson Pratt: “Um minuto de instruções vindas de personagens investidos com a glória de Deus descendo dos mundos eternos vale mais do que todos os volumes já



A PRIMEIRA VISÃO, DE LOWELL BRUCE BENNETT

escritos por homens não inspirados”. (Journal of Discourses, 12:354)

Tudo começou muito calmamente, com simplicidade e de forma maravilhosa há 177 anos. Um menino com fé deu um pequeno passo e orou. O Pai Celestial, em Seu amor, ouviu e respondeu. O que resultou pode muito bem ser considerado um passo gigantesco para a humanidade.

Todos os arranha-céus já construídos e espaçonaves já lançadas nada representam ante a primeira visão de Joseph Smith. Ainda que os homens continuem voando cada vez mais alto nos céus, eles não acharão Deus nem verão Sua face a menos que se humilhem, orem e dêem atenção às verdades reveladas por meio do Profeta da Restauração.

Alguns, tolamente, dizem: “Esqueçam Joseph Smith e sua oração no bosque e a Primeira Visão, e então poderemos aceitar sua mensagem”. Essas pessoas querem que enterremos o tesouro de verdades salvadoras já citadas, e muitas outras, e que viremos as costas para “o mais importante evento ocorrido no mundo desde os dias do ministério

de Cristo até o momento glorioso da [Primeira Visão]”. [Bruce R. McConkie, *Mormon Doctrine* (Doutrina Mórmon), segunda edição (1966), p. 285.]

Joseph Smith “viveu grande e morreu grande aos olhos de Deus”. (D&C 135:3) Ele, “com exceção só de Jesus, fez mais pela salvação dos homens neste mundo, do que qualquer outro homem que jamais viveu nele”. (Versículo 3) Essas palavras de tributo escritas por John Taylor, amigo pessoal do Profeta Joseph e testemunha ocular do martírio de Joseph e Hyrum, são verdades que se comprovam a cada dia em que vemos o reino de Deus indo avante para que venha o reino dos céus. (Ver D&C 65:6.)

Oh, que manhã realmente maravilhosa foi aquela, na primavera de 1820, quando Joseph Smith orou humildemente ao Pai de amor! E oh, quão maravilhoso é sabermos que o bondoso Pai Celestial respondeu àquela oração em companhia de Seu Filho Amado, na forma da Primeira Visão. Nós, que hoje desfrutamos a luz e verdade que resultou do marco que foi aquela conversa entre Deus e homem, devemos muito aos participantes desse memorável evento. É nosso privilégio louvar o homem que comungou com Jeová, a fim de servir Àquele por meio do qual recebemos a salvação, sim, Jesus Cristo, e a fim de adorar em espírito e em verdade a Deus, nosso Pai, o Deus vivo e verdadeiro. □



ILUSTRADO POR CHRISTOPHER H. CREEK

“Deus Vos Guarde . . .”

Foi o fim de uma viagem de férias, mas o início de uma viagem muito mais longa.

DeAnne Walker

Quando Thor e Solvor Torgersen, de Hosle, Noruega, viajaram para os Estados Unidos a negócios em novembro de 1993, planejaram tirar uns dias de férias antes de voltarem para casa. Embora não fossem membros da Igreja, um dos três locais que planejaram visitar foi Salt Lake



City, a fim de ouvirem o Coro do Tabernáculo Mórmon.

Após visitarem os outros dois locais, seu período de férias estava quase no fim. “Mas algo me dizia que *precisávamos* ir a Salt Lake City antes de voltarmos para casa”, conta Solvor.

Achando que o Coro do Tabernáculo ensaiava às noites de sexta-feira, o casal Torgersen chegou a Salt Lake City numa sexta à noite, sua última noite nos Estados Unidos. Assim que desembarcamos no aeroporto, lembra Thor, “alugamos rapidamente

um carro e fomos à Praça do Templo (Temple Square). Corremos para o Tabernáculo, mas o local estava vazio". A porta estava trancada!

"Era tarde", diz Thor, "mas batemos à porta. Para dizer a verdade, quase arrebatamos a porta. Por alguma razão, sentíamos que *precisávamos* entrar."

Felizmente, havia alguém dentro do Tabernáculo que ouviu as insistentes batidas. Um missionário da Praça do Templo, Élder Wilmer Taylor, gentilmente convidou os Torgersens a entrar e mostrou-lhes o silencioso interior do Tabernáculo. Ele também informou-lhes que o Coro ensaia às quintas-feiras e não às sextas.

"Não podemos esperar até a próxima quinta-feira", lamentou Solvor. "Nosso avião parte para a Noruega amanhã e viajamos toda esta distância só para ouvir o Coro!"

Sem saber como resolver o problema, o Élder Taylor sugeriu que os Torgersens voltassem na manhã seguinte. Ele faria algumas mudanças em sua agenda e os levaria a um giro pela Praça do Templo.

Então, naquela fria e clara manhã de outono, Solvor e Thor ouviram falar, pela primeira vez, a respeito do templo, dos pioneiros, de Morôni e do Livro de Mórmon.

Ao final do passeio, visitaram o Tabernáculo outra vez e ouviram mais sobre o histórico edifício. No momento em que estavam prestes a ir embora, uma fita do Coro começou a tocar. "Foi como se eu tivesse tomado uma pancada na cabeça naquele momento", recorda Solvor. "Sentei-me e comecei a chorar. Não conseguia parar. Thor tentou atribuir meu comportamento atípico à beleza da música, mas eu não lhe disse o que realmente estava ocorrendo, pois nem conseguia falar. O Élder Taylor disse simplesmente: 'É o Espírito'.

Eu não conhecia a música que o Coro estava cantando, mas dois pensamentos rondavam minha cabeça",

continua Solvor. "Primeiro, eu sentia um profundo desejo de saber o que os membros desta igreja tinham, e, segundo, ansiava por me tornar um membro desta igreja."

Ao saírem do Tabernáculo, Solvor e Thor mal tiveram tempo de pegar seu avião. Ao saírem, apressados, o Élder Taylor perguntou: "Gostariam que os missionários os visitassem em casa?"

A resposta de Solvor e Thor foi um imediato "sim". Eles deixaram o endereço com os missionários e foram embora, sem ainda entender a experiência que haviam acabado de viver.

Voltaram para casa cheios de perguntas e começaram a ler alguns dos folhetos e livros que haviam recebido em Salt Lake City: um Livro de Mórmon, uns panfletos missionários e um exemplar de *Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro*. Ansiosos por saber mais, ligaram para a Igreja em Oslo. No dia 10 de janeiro de 1994, dois élderes bateram a sua porta.

Naquela primeira visita, os Élderes Landon Wright e Kurt Elison responderam a muitas perguntas de Solvor e Thor. Outras visitas se seguiram. Os Torgersens ouviam e seu coração era tocado pelas verdades do evangelho. Ficaram um pouco preocupados quando aprenderam a respeito da Primeira Visão. "Eu quis saber mais sobre Joseph Smith", diz Solvor. "A princípio, achei a história estranha, mas depois percebi que não era nada estranha.

Lembrei-me de uma longa noite 35 anos atrás — pouco antes de eu dar à luz meu primeiro bebê. Numa experiência sagrada naquela noite, recebi a notícia de que meu filho ficaria comigo por apenas um curto período — ele logo seria levado de volta à presença do Pai Celestial. Fiquei desolada e orei para que não fosse verdade. De manhã, porém, meu filho nasceu com sérios problemas de saúde e os médicos confirmaram o que eu já sabia. Nunca esquecerei meu desespero."



FOTOGRAFIAS: CORTESIA DE THOR E SOLVOR TORGENSEN

O irmão e a irmã Torgersen com outros membros da Ala Sandvika, Estaca Oslo Noruega, no Templo de Estocolmo, acima (extrema direita), e em casa, à direita.

Após reviver a experiência, Solvor tornou a pensar no relato da Primeira Visão e percebeu que o que os élderes lhes haviam dito era verdade, que Joseph Smith *havia* visto o Pai e o Filho e Eles *havam* falado com ele. “Acredito agora que minha conversão começou 35 anos antes de eu encontrar a Igreja”, diz Solvor, “e que meu bebê, perdido para mim há tanto tempo, estivera esperando por este momento.”

Antes da Páscoa, Solvor já havia decidido ser batizada. Ao verem que Thor estava relutante em assumir o compromisso, os élderes perguntaram-lhe: “Pode dar-nos uma boa razão para *não* ser batizado com Solvor?”

“Solvor e eu conversamos até uma hora da madrugada sobre minha decisão”, recorda Thor. “Senti que precisava ficar sozinho por um momento, e, no meio da noite, fui fazer uns consertos no carro. Fiz os reparos e orei. Orei para que ficasse claro para mim que esse era o caminho certo. Após duas longas horas, recebi a confirmação de que precisava. Realmente, não havia *qualquer* motivo para que eu não fosse batizado com Solvor.”



FOTOGRAFIA DE JANET THOMAS

Thor e Solvor foram batizados em 17 de abril de 1994. Um ano depois, foram selados no Templo de Salt Lake. Robert, o bebê que eles haviam perdido 36 anos antes, também foi selado a eles. “Nunca me esquecerei daquele momento”, diz Solvor, “Robert estava lá em espírito — todos na sala sentiram sua presença.”

Solvor sorri ao lembrar seus sentimentos após a primeira visita a Salt Lake City. “Quando entrei na Praça do Templo naquele frio mês de novembro, senti-me como uma pessoa inteiramente nova. Fui lá como turista e saí como mórmon. O

Élder Taylor disse que tinha sido o Espírito que me tocara naquela manhã, no Tabernáculo. Thor disse que fora a música. Ambos estavam certos! Deus sabia que tipo de instrumento usar para me instruir: o Coro!”

Solvor e Thor agora conhecem a música que ouviram o Coro cantar naquele dia: “Deus Vos Guarde” (*Hinos*, número 85). Desde aquela época, eles acrescentaram várias gravações do Coro do Tabernáculo a sua coleção de discos e até já assistiram a uma apresentação ao vivo do Coro do Tabernáculo. Mas de todas as gloriosas músicas do repertório do Coro, nenhuma jamais tocará o coração deles como aquele primeiro hino de fé: “Com o seu poder e no seu amor (. . .) Oh, que Deus vos guarde em sua luz!” □

A DESTEMIDA MARY ANN



Rex G. Jensen

Tendo passado por muitas dificuldades na vida, Mary Ann Angell Young enfrentou todos os problemas com fé e coragem.

A pioneira SUD Mary Ann Angell Young foi uma testemunha viva de que a fé em Deus e no evangelho é razão suficiente para suportarmos as dificuldades com dignidade, paciência e esperança inabalável. Tão profunda foi sua devoção ao evangelho e tão firme sua confiança no Senhor que nenhuma perseguição extrema, trabalho, doença ou separação de entes queridos na vida ou na morte diminuiu sua fé.

CASAR-SE COM UM "HOMEM DE DEUS"

Mary Ann nasceu em Seneca, condado de Ontário, no Estado de

Nova York, em 1803, e foi criada por pais tementes a Deus. Depois de mudar-se para Providence, no Estado de Rhode Island, Mary Ann filiou-se à Igreja Batista Free Will e desenvolveu um ardente interesse pela Bíblia.

"Ela ficava tão absorta em seu estudo das escrituras, especialmente das profecias, que confiava plenamente em seu cumprimento, o que motivou sua decisão de não se casar até que viesse a encontrar 'um homem de Deus'." Essa bênção foi-lhe concedida anos mais tarde, pouco depois de sua conversão ao evangelho restaurado.

Mary Ann ficou sabendo da existência do Livro de Mórmon quando o Élder Thomas B. Marsh pregou a respeito da Restauração em Providence, em 1830. Ela pediu-lhe um exemplar do livro sagrado, leu-o ferverosamente e acreditou nele. "Testificou muitas vezes que tão logo tomou o Livro de Mórmon nas mãos, o

A fé que Mary Ann tinha no evangelho restaurado de Jesus Cristo só se igualava a sua dedicação a atenuar o sofrimento das outras pessoas.







Brigham Young recuperou-se de uma grave doença graças aos cuidados e o tratamento inspirado ministrados pela esposa, Mary Ann.

Espírito prestou-lhe um testemunho tão forte da veracidade de sua origem, que nunca mais teve dúvidas”, escreveu sua biógrafa, Emmeline B. Wells.²

Dois anos mais tarde, Mary Ann viajou para Nova York a fim de pesquisar pessoalmente a nova religião. Seus pais, que estavam visitando a casa de amigos, próxima a Palmyra, não lhe contaram em suas cartas o suficiente sobre a nova fé para satisfazê-la. Mary e os pais ouviram e aceitaram o evangelho restaurado, sendo batizados pelo Élder John P.

Greene, cunhado de Brigham Young.

Em 1833, como seus pais não estivessem preparados para reunirem-se aos santos em Ohio, Mary Ann viajou sozinha para Kirtland. Lá, aos trinta anos de idade, encontrou seu muito esperado “homem de Deus”. Ao ouvir a pregação de Brigham Young, “sentiu-se instintivamente atraída por ele e (. . .) admirou-o tanto, que (. . .) quando ele a pediu em casamento, aceitou sem hesitar, com a firme certeza de aquele era seu companheiro ideal”.³

Depois de um breve namoro, casaram-se no dia 18 de fevereiro de 1834, dois anos após o falecimento da primeira esposa de Brigham Young, Miriam Works, que havia deixado duas filhas pequenas. Brigham escreveu em seu diário que Mary Ann “assumi a criação de minhas filhas, cuidou da casa e trabalhou diligentemente pela família e pelo reino”.⁴

A FORNALHA DA AFLIÇÃO

Apesar de já estarem acostumados aos problemas da vida, os recém-casados logo tiveram que enfrentar tempos ainda mais difíceis. Mary Ann mal teve tempo de organizar a casa, quando Brigham precisou partir para seguir o Profeta na marcha do Acampamento de Sião, e os problemas com os ataques do populacho aumentaram em Ohio e Missouri.

Em dezembro de 1837, Joseph Smith excomungou aproximadamente 40 dissidentes da Igreja, como se faz com uma árvore cujos ramos secos precisam ser podados.⁵ Isso resultou em perseguição, ódio e ameaças de agressão e de morte a Brigham, que havia testificado vigorosamente contra os descontentes e defendido o Profeta. Por estar correndo risco de vida, Brigham fugiu de Kirtland no dia 22 de dezembro. Pouco depois, Joseph e outros membros fiéis também saíram de Kirtland.

Durante o inverno, Mary Ann e seus cinco filhos tiveram que se esconder enquanto os apóstatas os aterrorizavam saqueando-lhes a casa, com a desculpa de que Brigham poderia estar escondido ali. Os perseguidores

“fizeram ameaças e usaram palavras vulgares” que afetaram de tal modo a sensibilidade de Mary Ann a ponto de deixá-la doente. Aquela foi, contou ela mais tarde a sua biógrafa, “sem dúvida a mais dura provação de minha vida”.⁶

Em fevereiro de 1838, Mary Ann, que na época estava acometida de tuberculose, reuniu os filhos e os poucos pertences que não haviam sido saqueados e empreendeu a longa e difícil jornada de Kirtland, Ohio, a Richmond, Missouri, para reunir-se ao marido. “Ele ficou (. . .) tão chocado com sua mudança de aparência, que sua primeira exclamação foi: ‘Você parece estar quase à beira da morte’.”⁷

Brigham pôde então dedicar toda a atenção a Mary Ann, até ela recuperar a saúde. O Senhor sabia o quanto ela precisava desesperadamente de alívio e cuidados. Em 17 de abril de 1838, Joseph Smith recebeu uma revelação que liberava temporariamente Brigham de suas pesadas responsabilidades na Igreja, permitindo-lhe cuidar da família e da esposa enferma.⁸

Essa pausa bem-vinda teve curta duração. A tensão e as hostilidades dos habitantes de Missouri contra os santos aumentaram, até que, em outubro de 1838, os membros da Igreja foram novamente expulsos de seus lares. Em fevereiro de 1839, a família Young e mais de 800 santos foram forçados a sair do estado. Enfrentaram corajosamente o inverno para procurar refúgio em Illinois. A maioria dos santos pobres teve que viajar a pé porque suas carroças e animais haviam sido confiscados.

Durante esse difícil êxodo, Brigham Young seguia à frente com a família, procurava abrigo para os seus e em seguida voltava para acompanhar os santos mais fracos e os órfãos. Mary Ann e os filhos tiveram que morar em 11 lugares diferentes durante essa provação de três meses.

TRAVESSIA DO RIO NO INVERNO

Dez dias depois de Mary Ann dar à luz Emma Alice, em Montrose, Território de Iowa, no dia 4 de setembro de 1839, seu marido recebeu novo chamado, dessa vez para uma missão na Inglaterra. Brigham estava tão adoentado que não conseguia andar sem auxílio. Toda a família também estava enfraquecida pela doença.

Na triste despedida, Mary Ann disse ao Élder Young: “Vá e cumpra sua missão, e o Senhor irá abençoá-lo. Farei o melhor possível por mim e pelas crianças”.⁹ Ela confiava no Senhor e ficou feliz por ter tido forças para despedir-se do marido.

Entre Nauvoo e Montrose, o rio Mississipi tem mil e seiscentos metros de largura. Mary Ann tinha que cruzar o perigoso rio de canoa com frequência para conseguir comida. Certo dia, no final de novembro de 1839, Mary Ann estava com malária e seus filhos famintos choravam de fome.

Mary Ann forrou o bote com um surrado cobertor e usou outro para cobrir a si mesma e a Emma Alice, que ainda era bebê. Uma tempestade de inverno havia começado, e o forte vento noroeste soprava sobre o rio.

Com apenas um leve vestido de algodão e um xale, Mary Ann remou em meio às ondas erguidas pelo vento, ficando ela e o bebê totalmente encharcados.

Por fim, Mary Ann chegou a Nauvoo e procurou uma amiga, que lhe deu de comer. “A irmã Young foi até minha casa (. . .) com a bebê Alice nos braços; chegou quase desmaiando de frio e fome e estava completamente encharcada”, conta essa irmã. “Tentei convencê-la a ficar, mas ela recusou o convite, dizendo: ‘Meus filhos em casa também estão com fome’. Nunca me esquecerei de sua aparência, trêmula de frio e vestindo apenas uma roupa leve (. . .) Ela voltou [do escritório do dízimo] com algumas batatas e um pouco de farinha, pelo que parecia muito agradecida, e (. . .) apesar de enfraquecida pela malária e febre, caminhou até a margem do rio” e remou de volta para casa.¹⁰

ANJO DE MISERICÓRDIA

Depois de voltar da Inglaterra, Brigham foi acometido do que se supõe ter sido escarlatina. Era inverno, e a família estava morando em uma cabana de toras que tinha um cobertor servindo de porta.

“Quando a febre cedeu, no 18º dia”, escreveu Brigham, “eu estava (. . .) tão próximo da morte que não conseguia fechar os olhos, (. . .) e parei de respirar. (. . .) [Mary Ann] jogou um pouco de água gelada em meu rosto; como isso não tivesse qualquer efeito, ela esfregou um punhado de cânfora forte em meu rosto e olhos, sem qualquer resultado

(...) Ela então apertou-me o nariz (...), e colocando sua boca diretamente sobre a minha, soprou em meus pulmões até enchê-los de ar. Isso fez com que meus pulmões voltassem a funcionar, e comecei a respirar novamente.”¹¹ Esse tratamento inspirado, que hoje é uma técnica comum de ressuscitação, não era conhecido nem foi utilizado antes do século XX.

Mais tarde, Brigham Young construiu sua casa em Nauvoo e a cidade teve certo grau de paz e prosperidade à medida que crescia. Em pouco tempo, porém, a oposição voltou a aumentar e os santos foram novamente forçados a abandonar seus lares no meio do inverno.

Na jornada para o oeste, Mary Ann usou freqüentemente seu talento para a cura. Ela cuidou de Thomas L. Kane, restituindo-lhe a saúde, depois do que decidiu dedicar-se ao cuidado dos santos e outras pessoas oprimidas. Ela também ajudou Eliza R. Snow a recuperar a saúde.

Em Winter Quarters, Nebraska, “a irmã Young desempenhou uma nobre missão. Havia pessoas doentes em quase todas as cabanas da colônia, os mantimentos eram escassos e quase não havia qualquer tipo de conforto (...) Procurando saber das necessidades das pessoas e dando-lhes medicamentos e cuidados sempre que podia, [Mary Ann] foi verdadeiramente um anjo de misericórdia.”¹²

Mary Ann não seguiu com o marido para o vale do Grande Lago Salgado na primavera de 1847. Em vez disso, ficou para trás, cuidando das crianças e de outras pessoas.

Três semanas depois de chegar ao vale do Lago Salgado, o Presidente Young voltou para buscar a família. Juntos chegaram a seu novo lar, em Utah, no dia 20 de setembro de 1848.

Considerando suas privações e tribulações anteriores, a família viveu em relativa paz e prosperidade por muitos anos. Contudo, a prosperidade de Mary Ann não alterou “sua preocupação com o bem-estar (...) do próximo. Dava atenção especial aos pobres, e nenhum deles era mandado embora de mãos vazias”.¹³

Mary Ann teve seis filhos e criou duas filhas adotadas; seu filho, Brigham Young Jr., tornou-se Apóstolo.

Mary Ann viveu cinco anos a mais que o marido. Durante os dois anos que antecederam sua morte, ocorrida no dia 27 de junho de 1882, sua prolongada enfermidade física causou-lhe grande sofrimento e “uma intensa dor, que suportou com muita paciência e extrema resignação à vontade do Pai Celestial”.¹⁴

Apesar de todas as tribulações de sua vida, Mary Ann demonstrou inabalável confiança no Senhor. “Sempre alegre e animada”¹⁵, enfrentou uma infinidade de dificuldades com extraordinária firmeza e disposição, “sempre olhando para o alto de onde sabia que viria o auxílio”.¹⁶

O principal alicerce dessa força era seu testemunho. Ela freqüentemente prestava testemunho de que sabia que Joseph Smith havia sido um profeta de Deus e que Brigham Young era seu legítimo sucessor. Durante sua vida, ela viu o cumprimento das profecias proclamadas por

esses líderes. “Sei por mim mesma”, disse ela, “e presto testemunho a todo o mundo de que este é o evangelho eterno, revelado pelo poder da inspiração de Deus e da ministração dos anjos na dispensação da plenitude dos tempos.”¹⁷ □

NOTAS

1. Kate B. Carter, comp., *Our Pioneer Heritage* (Nossa Herança Pioneira), 20 volumes (1958), 1:420.

2. Emmeline B. Wells, “Biography of Mary Ann Angell Young” (Biografia de Mary Ann Angell Young), *Juvenile Instructor*, 1º de janeiro de 1891, p. 17.

3. *Ibid.*

4. Leonard J. Arrington, *Brigham Young: American Moses* (Brigham Young: Um Moisés Americano) (1985), p. 37.

5. *Ibid.* 61.

6. *Ibid.*

7. Wells, “Biography”, p. 19.

8. *History of the Church* (História da Igreja), 3:23.

9. Emmeline B. Wells, “Biography of Mary Ann Angell Young” (Biografia de Mary Ann Angell Young), *Juvenile Instructor*, 15 de fevereiro de 1891, p. 56.

10. *Ibid.*, p. 57.

11. Elden J. Watson, comp., *Manuscript History of Brigham Young* (História Manuscrita de Brigham Young), 1801-1844 (1968), p. 125.

12. Emmeline B. Wells, “Biography of Mary Ann Angell Young” (Biografia de Mary Ann Angell Young), *Juvenile Instructor*, 1º de janeiro de 1891, p. 94.

13. *Ibid.*, 95.

14. *Ibid.*

15. Emmeline B. Wells, “Biography of Mrs. Mary Ann Young” (Biografia da Sra. Mary Ann Young), *Woman's Exponent*, 15 de setembro de 1887, p. 59.

16. Emmeline B. Wells, “L.D.S. Women of the Past” (Mulheres SUD do Passado), *Woman's Exponent*, 9 de maio de 1908, p. 66.

17. Emmeline B. Wells, “Biography of Mrs. Mary Ann Young” (Biografia da Sra. Mary Ann Young), *Woman's Exponent*, 15 de setembro de 1887, p. 59.

RECONHECER A VERDADE

“A alguns é dado conhecer, pelo Espírito Santo, a diversidade de operações, se são de Deus.” (D&C 46:16)

Com tantas influências conflitantes no mundo, é maravilhoso termos acesso àqueles dons do Espírito que nos ajudam a discernir quem devemos seguir e em quem podemos acreditar.

QUE INFLUÊNCIAS?

Um dos dons do Espírito que nos ajudam a reconhecer a verdade é o dom da “diversidade de operações”, por meio do qual podemos saber se uma influência vem de Deus ou de alguma outra fonte. [Ver Hyrum M. Smith e Janne M. Sjodhal, *Doctrine and Covenants Commentary* (Comentários sobre Doutrina e Convênios), 1957, pp. 274–275.] O dom da diversidade de operações torna-nos capazes de receber sussurros do Espírito Santo, que nos ajudam a reconhecer se alguém está influenciado pelo Espírito de Deus. Dá-nos também a capacidade de reconhecer falsas interpretações de escrituras e evitar influências que nos enganariam ou nos desviariam de princípios verdadeiros.

No início desta dispensação, alguns membros julgaram estar recebendo “revelações” para toda a Igreja, mesmo não sendo autorizados a tal. Outros ensinavam doutrinas falsas. Vários membros, não reconhecendo

que essas manifestações não provinham de Deus, ficaram confusos e pecaram. (Ver *Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, selecionados por Joseph Fielding Smith, [1976], pp. 208–210.)

Durante esse período, o Profeta Joseph Smith recebeu várias revelações sobre o problema. Ele aprendeu que se os membros da Igreja “[pedissem] a Deus”, o Espírito lhes daria testemunho e os ajudaria a não serem “seduzidos por maus espíritos, ou doutrinas de diabos, ou mandamentos de homens”. (D&C 46:7)

SEJAM MULHERES QUE CONSEGUEM RECONHECER A VERDADE

O Presidente Boyd K. Packer, do Quórum dos Doze, diz: “Precisamos de mulheres (. . .) que consigam enxergar as tendências do mundo e detectar aquelas que, apesar de populares, são inúteis ou perigosas. Precisamos de mulheres que consigam discernir os pontos de vista que, por mais impopulares que sejam, são corretos”. (*Ensign*, novembro de 1978, p. 8.)

Uma irmã que morava num local isolado vivia desesperada por companhia. Ela costumava receber muito bem em sua casa uma vizinha que criticava um certo líder da Igreja. Em pouco tempo, a irmã viu-se persuadida pela lógica de sua amiga. Um domingo, porém, ao pensar sobre o que estava acontecendo, o Espírito sussurrou-lhe que a amiga estava enganada e que ela própria estava

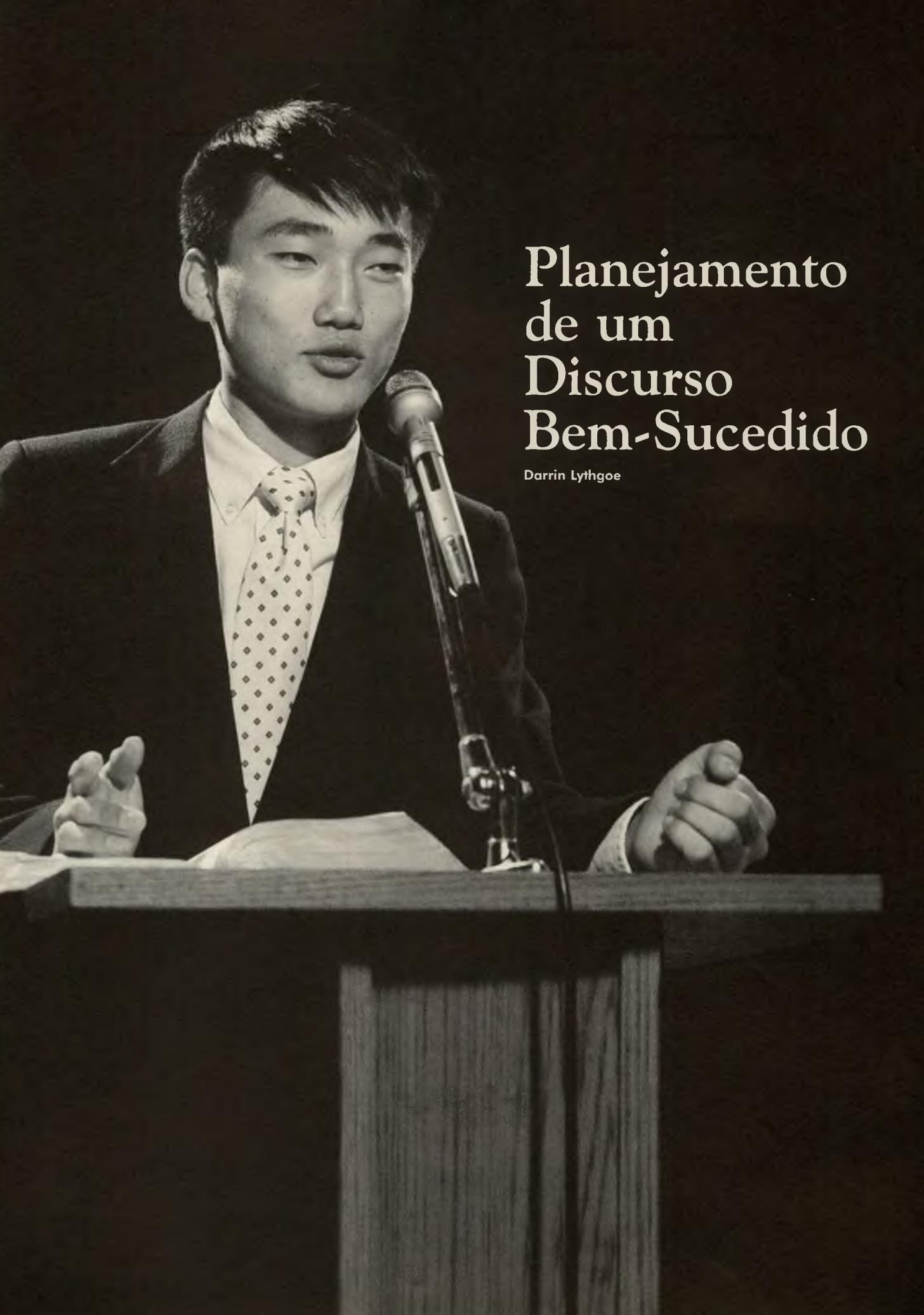
prestes a perder seu testemunho. Decidiu, então, procurar conhecer melhor as escrituras e obter o espírito de paz contido nelas.

Em D&C 46:8, o Senhor pede-nos que “[procuremos] com zelo os dons melhores”. Entre as razões por que devemos procurar esses dons espirituais, diz Ele, é “para que não [sejamos] enganados”. A fim de evitarmos o engodo, somos desafiadas a obter esses dons específicos do Espírito, que nos ajudarão a identificar o que é de Deus e, assim, agir de acordo com esse conhecimento.

- Por que é importante sermos capazes de reconhecer quais influências estão operando em nós?

- Como o Espírito a ajudou a reconhecer a verdade? □





Planejamento de um Discurso Bem-Sucedido

Darrin Lythgoe

Como um arranha-céu ou um viaduto, um bom discurso exige planejamento meticuloso. Falar bem nem sempre é fácil, mas, com um pouco de técnica e os recursos necessários, pode-se planejar e fazer um ótimo discurso.

Escolha um Tema

Se você recebeu a designação do tema, não se desvie dele. Mas se for escolher, ore para receber orientação do Espírito. Os temas que focalizem Jesus Cristo são sempre adequados. Se desejar, faça a si mesmo as seguintes perguntas:

- Há alguma coisa que me sinto inspirado a dizer às pessoas?
- Há alguma escritura ou história das escrituras de que gosto muito, ou algum ensinamento do evangelho que me tenha dado orientação e possa ajudar outras pessoas?
- Tenho alguma experiência espiritual, que não seja muito pessoal para ser relatada e que possa tocar ou ensinar algo à congregação?
- A respeito de qual tema do evangelho eu gostaria de saber mais?
- A que faixas etárias me dirigirei?
- Quanto tempo tenho para o discurso?
- Que temas do evangelho conheço melhor?
- Posso falar sobre algo relacionado a esta época do ano?

Determine Seu Objetivo

O que exatamente você quer que a congregação aprenda com seu discurso? Seja qual for sua escolha, tudo

o que disser deverá ter estreita ligação com esse objetivo.

Reúna Informações

Pense durante alguns dias no tema que escolheu. Anote trechos de citações, exemplos, perguntas-chave, artigos e outras idéias que lhe ocorrerem. Você pode também consultar uma das seguintes fontes:

- As escrituras. Para achar rapidamente o que procura, use os índices e auxílios fornecidos nas escrituras;
- Outros livros do evangelho ou revistas da Igreja.
- Suas próprias experiências. Procure-as no seu diário ou busque-as na memória.
- Experiências de amigos e familiares. Conte apenas histórias verídicas.

Junte Seu Material

Os melhores discursos são simples e bem organizados. Selecione seu material e separe-o em grupos de idéias. Reorganize as idéias numa seqüência lógica e deixe de lado o material que não tem tempo de incluir. Organize as idéias de modo a despender a maior parte do tempo abordando os pontos principais. As sugestões a seguir o ajudarão a organizar o esquema de seu discurso:

- No início, declare o propósito do discurso em linguagem simples. Seja direto, mas interessante. Procure fazer uma introdução criativa a fim de atrair a atenção da congregação;
- Não use truques nem brincadeiras inadequadas.
- Desenvolva seu tema usando

escrituras ou histórias que ilustrem e contribuam para seu propósito. Cada ponto deve seguir o anterior de forma natural.

■ Se planeja citar escrituras, copie-as num cartão ou marque as páginas a fim de não desperdiçar tempo ao púlpito procurando-as.

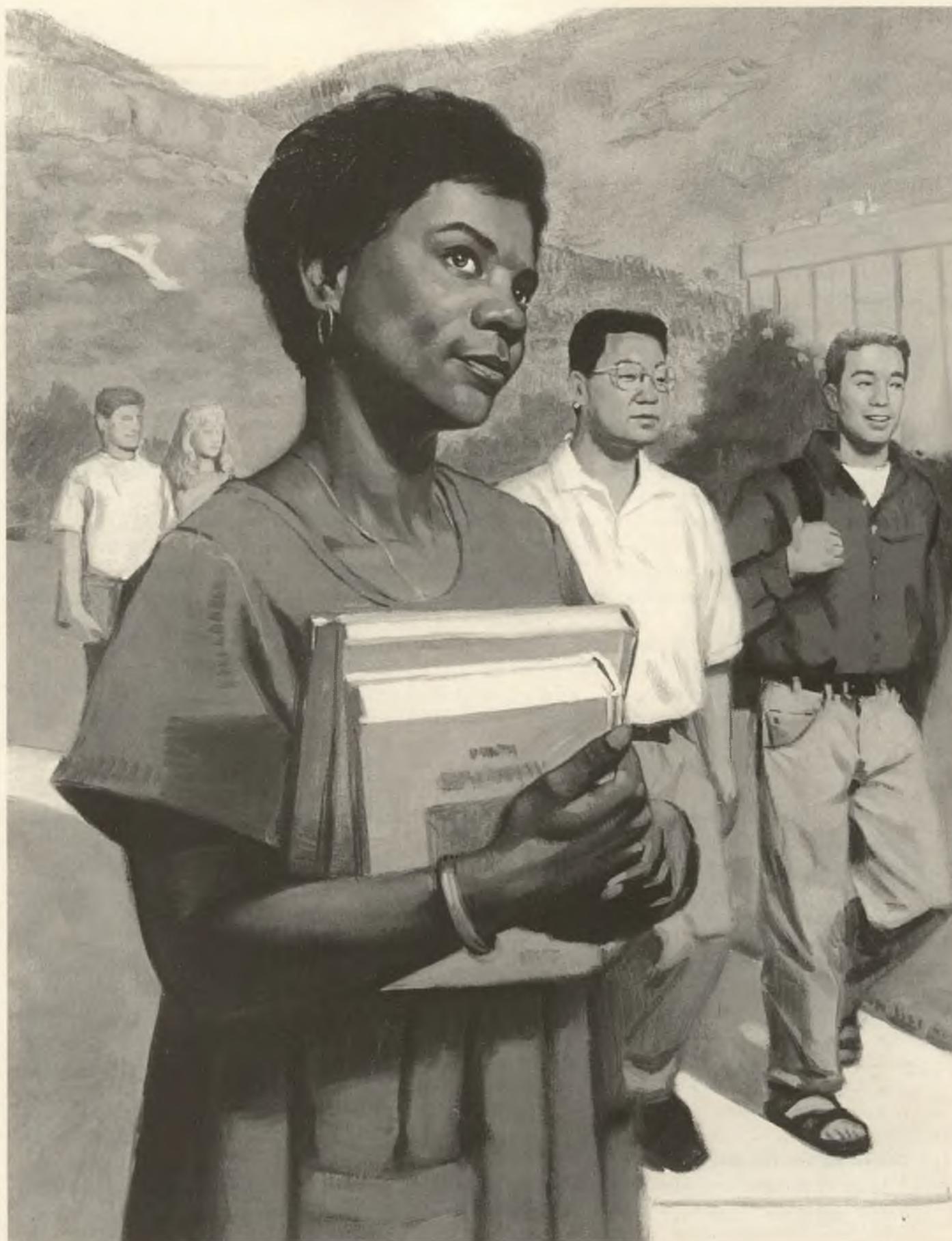
■ Encerre seu discurso declarando novamente seu propósito. Se desejar, essa é a hora de prestar testemunho do princípio ensinado.

■ Ensaie seu discurso com um amigo ou membro da família — ou diante do espelho. Marque o tempo e encurte-o ou alongue-o, se necessário.

Ao Púlpito

Lembre-se destas sugestões quando finalmente estiver em frente à congregação:

- Fique numa postura ereta.
- Fale pausadamente e alto o bastante para todos ouvirem. Se houver microfone, fale perto dele.
- Olhe para a congregação tanto quanto possível. Tente olhar para certas pessoas nas diferentes partes do recinto.
- Não se desculpe por não ter feito um discurso melhor.
- Se ficar nervoso, faça uma pausa, respire fundo, veja onde parou e continue.
- Mantenha-se concentrado. Não deixe que nada o distraia.
- Ao encerrar, não diga “em nome de teu Filho . . .”. O pronome na segunda pessoa é mais adequado em orações. Use “em nome de Jesus Cristo, amém”. □



Meu Tão Esperado Casamento no Templo

Patricia E. McInnis

Depois de formar-me na Universidade Brigham Young há vários anos, senti-me compelida pelo Espírito a voltar para minha cidade natal de Sanford, Maine, na região nordeste dos Estados Unidos. Relutei em tomar essa decisão. Sendo solteira, com 27 anos de idade, sabia que minhas metas mais promissoras seriam casar-me, continuar os estudos ou fazer carreira no jornalismo. Não tinha muita esperança de ter qualquer dessas oportunidades no Maine.

Apesar de minhas preocupações, voltei para casa sentindo que aquele era o lugar onde o Senhor desejava que eu estivesse e com a esperança de que Ele me ajudaria em minhas expectativas. Apesar de a região estar passando por dificuldades econômicas, tive a bênção de conseguir o emprego de repórter em um semanário local.

Agradei em minhas orações por ter conseguido emprego tão rapidamente.

Apesar de minha carreira estar em andamento, a meta do casamento continuava a preocupar-me. Tendo sido membro da Igreja a vida inteira, aprendera durante a adolescência sobre a importância do casamento eterno. Sempre fora meu desejo casar-me no templo.

No entanto, havia passado quatro anos na Universidade Brigham Young, onde milhares de jovens SUD encontram seu companheiro eterno, sem ser abençoada com oportunidades de casamento. Por ser negra

numa universidade de população predominantemente branca, não conheci muitos rapazes seriamente interessados no casamento.

No Maine, meu desafio era diferente: a região simplesmente tinha bem poucos homens SUD. Comecei a namorar um rapaz chamado James, um membro que era menos ativo. Quando descobri que ele ainda tinha um testemunho de Jesus Cristo e do evangelho, senti que ele poderia voltar para a Igreja. Orei muito para que o Senhor o ajudasse.

Quando comecei a apaixonar-me por James, minhas orações ficaram mais fervorosas. Ele começou a frequentar regularmente a Igreja, mas passado um ano ainda tinha problemas com a Palavra de Sabedoria. Pediu-me várias vezes em casamento, mas eu hesitava em assumir um compromisso naquelas circunstâncias. Apesar disso, senti que James era a pessoa certa para mim.

Por fim, percebi que não poderia adiar minha decisão indefinidamente. Sabendo que ainda amava James e acreditando que o Senhor aprovava nossa união, consenti em realizar um casamento civil, com a intenção de esforçar-me para sermos selados no templo mais tarde. Minha decisão foi ao mesmo tempo doce e amarga: amava James, mas era-me difícil aceitar que nosso casamento seria somente até que a morte nos separasse e não para toda a eternidade.



Mesmo assim, permaneci firme na decisão que tomara. Ao deitar-me, na noite anterior ao casamento, comecei a sentir-me mal e insegura. Tinha ouvido falar do nervosismo que acomete as noivas no último minuto e achei que era isso que estava acontecendo comigo. Para meu desespero, porém, percebi que em vez de diminuir no transcorrer da noite, a tensão tornou-se muito pior pela manhã. Antevi o que seria minha vida futura sem um casamento no templo. Imaginei-me sozinha na Igreja ou talvez inativa. Temi que um de nós viesse a morrer antes de conseguirmos passar pelo templo.

Extremamente preocupada e confusa, procurei o conselho de meu bispo, poucas horas antes do casamento. Em minha conversa com ele e ao receber uma bênção do sacerdócio, o Espírito testemunhou-me que não deveria prosseguir com meus planos. Para grande decepção de James e minha também, cancelei o casamento. Apesar de minha dor, senti tranquilidade e paz interior.

Chorando e orando muito, passei os dias que se seguiram meditando humildemente a respeito da situação e ponderando o que deveria fazer em seguida. Dei-me conta de que, em vez de colocar o Senhor em primeiro lugar ao tomar minha decisão, dera prioridade ao desejo de casar-me. Em vez de ter fé para acreditar que o Senhor

me ajudaria a alcançar a meta justa de um casamento eterno, eu havia desistido e convencido a mim mesma de que um casamento civil era o melhor que podia fazer em minha situação.

Decidi colocar o Senhor em primeiro lugar na vida. Ao orar pedindo perdão por minha falta de fé e por ter tomado a decisão errada, senti alívio de um fardo, e um novo vigor começou a crescer dentro de mim. Sabia que o Senhor me ajudaria nessa difícil situação. Consegui dizer “seja feita a Tua vontade”, mesmo que isso significasse não me casar com James.

Não fiquei sabendo na ocasião, mas James estava passando por uma experiência semelhante. Ele também tomara a decisão de colocar o Senhor em primeiro lugar em sua vida. Foi maravilhoso vê-lo assumir um novo brilho à medida que se tornava digno aos olhos do Senhor. Pouco tempo depois, recebeu o Sacerdócio de Melquisedeque e pediu que me casasse com ele no Templo de Washington.

Hoje, James e eu somos membros ativos da Ala Sanford, no Maine. Estou admirada de ver todas as bênçãos que o Senhor me concedeu. Sou muito grata por Ele ter uma visão maior que a minha e saber que o casamento no templo era algo que eu realmente podia alcançar. □

COMPARTILHAR O LIVRO DE MÓRMON

Victor Camargo

ILUSTRADO POR DOUGLAS M. FRYER

Um vizinho meu, membro da Igreja, deu exemplares do Livro de Mórmon a três famílias de nosso bairro, na Argentina. Eu morava do outro lado da rua e não recebi o livro, mas observei as famílias aprendendo o evangelho com os missionários. O namorado de minha irmã, Sandra, era uma das pessoas que estavam ouvindo as palestras e ele convidou-a para ouvir também.

Um domingo, os missionários convidaram todos para irem à Igreja, e Sandra convidou-me. Nunca imaginei que, ao aceitar o convite para ir à igreja, minha vida iria passar por transformações. No momento em que entrei na capela, senti que ali era o meu lugar.

Conheci os missionários e marquei palestras. Eu sabia que meus pais não os deixariam entrar em nossa casa, e, por isso recebi as palestras na capela. Após muitas orações e jejuns, fui batizado no dia 21 de janeiro de 1990. Duas semanas depois, Sandra e o namorado foram batizados.

Acho que nunca teria aceitado a Igreja se não fosse o empenho daquela família de membros que distribuiu os Livros

de Mórmon no bairro. Sou eternamente grato ao Senhor por ter vizinhos obedientes e que se dispuseram a compartilhar suas riquezas, o evangelho de Jesus Cristo.

Tenho observado quantos batismos já ocorreram por causa daqueles três exemplares do Livro de Mórmon. Foram 16 batismos em nosso quarteirão. E agora minha irmã Sandra e eu estamos servindo como missionários de tempo integral. Minha mãe, que era totalmente contra a Igreja no início, foi batizada durante minha missão e agora é a presidente da Sociedade de Socorro de nosso ramo.

Meu vizinho proporcionou-me o conhecimento de que eu precisava para retornar ao Pai Celestial. Devemos dar essa mesma oportunidade a todos. Sei que esta é a única Igreja verdadeira, mas muitos não sabem disso. Devemos compartilhar o Livro de Mórmon com todos. □



A VIAGEM PARA CASA

Jennifer Gantt Absher

Meu irmão mais novo estava de saída para seu primeiro encontro com uma moça. Da universidade onde eu estudava, telefonara para falar com minha mãe e ela me disse que Chris já estava de saída. Insisti em falar com ele e conversamos por alguns minutos. Disse-lhe que o amava, que estava orgulhosa dele e nos despedimos.

Essa foi a última vez que falei com meu irmão. Menos de duas semanas depois, recebi a notícia de que Chris havia morrido num acidente de carro e que eu precisava ir para casa.

Uma torrente de memórias passou por minha cabeça durante a longa viagem de mais de 3.200 quilômetros.

Ao sentar-me, no avião, recordei com ternura o dia em que fomos buscar minha mãe e Chris na maternidade. Eu tinha apenas três anos e meio, mas lembro-me claramente daquele momento. Mamãe o enrolara num cobertor amarelo que ela própria fizera. Chris estava no colo dela no banco da frente, enquanto íamos para casa em nosso velho carro. Eu estava sentada no banco de trás com meus outros irmãos, mas não conseguia deixar de me esticar o mais que podia para ver meu novo irmãozinho.

Lembrei-me de uma vez, quando Chris tinha cinco anos, em que eu e meus irmãos mais velhos o enrolamos em papel higiênico até ele ficar igual a uma múmia egípcia. Mal podíamos ver seus cabelos louros com todo aquele papel que cobria seu corpo inteiro.

Cerca de um ano mais tarde, enquanto brincávamos de seguir o líder, Chris caiu da cama de nossos pais e quebrou o braço. Eu era a líder e mamãe logo me disse que a culpa era minha também, por dar tão mau exemplo. Fiquei tão triste pelo que aconteceu a Chris que decidi, tentar a partir daquele instante, ser uma irmã melhor para meu irmãozinho. E fui. Chris realmente me admirava e respeitava, mamãe contou-me.

Em pouco tempo, eu o estava admirando e respeitando. Quando fui passar o Natal em casa no primeiro semestre da universidade, fiquei surpresa ao ver Chris alguns centímetros mais alto do que eu. Eu o respeitava, mas não só pelo seu tamanho; ele se transformara num rapaz notável.

Ele sempre me contava suas experiências espirituais. Uma noite, quando eu cursava o segundo grau, Chris e eu estávamos na calçada olhando as estrelas. A noite estava tão clara e linda que nem tínhamos vontade de entrar em casa. Começamos a conversar sobre a beleza da Terra e das criações de Deus. Chris prestou seu testemunho para mim. Quanto orgulho tive dele!

Chris e eu éramos amigos e, ainda que nem sempre tivéssemos as mesmas opiniões, éramos felizes por sermos irmãos. Eu levava a sério minha posição de irmã mais velha. Ensinei-lhe a dançar, a dirigir e a portar-se como cavalheiro. Depois que tirei

minha carteira de motorista, todos os anos íamos juntos fazer as compras de Natal e conversávamos sobre todos os assuntos.

Ao lembrar-me de todas as coisas que fizemos juntos, desejei, do fundo do coração, que eu tivesse tido a oportunidade de abraçar meu irmãozinho uma vez mais e dizer-lhe o quanto o amava. As lágrimas rolaram por meu rosto quando ouvi uma resposta para esse meu profundo desejo. "Você fará isso", disse-me à mente uma reconfortante voz, "você fará isso."

Eu estava ciente de que levaria um longo tempo até que eu visse Chris de novo, mas naquele momento a doce paz do Consolador encheu-me de esperança. Eu sabia, com certeza que o espírito de Chris não estava morto. Graças ao Salvador, eu poderia ver Chris novamente. Jesus Cristo morreu por nós, para que vivêssemos; para que, por nossa fidelidade, pudéssemos retornar ao Pai Celestial; para que as famílias pudessem ficar juntas para sempre. Eu e meu irmão mais novo ficaríamos juntos porque Jesus Cristo havia tornado isso possível.

Olhando as nuvens e o céu pela janela do avião, orei para que Chris e o Salvador soubessem o quanto os amava e desejava estar com eles. E orei profundamente para fazer o que é certo e assim um dia poder estar onde eles estão.

Quando o avião aterrissou para reabastecer, enxuguei as lágrimas. Sabia que o restante da viagem para casa seria difícil, mas, com a ajuda do

OR VENTO



Senhor, eu conseguiria superar esse momento difícil. E sei também que, com a ajuda do Salvador, posso chegar ao fim da viagem que me levará até o Pai Celestial, quando estarei junto com minha família e entes queridos. □



Fotos da família de Chris. Ao fundo: Chris, à direita, com suas irmãs Jennifer, Veronica e Michelle; sua cunhada Amy; e seu irmão Vernon.

FOTOGRAFIA: CORTESIA DE JENNIFER GANTT ANDER

OS VENTOS DO EVANGELHO CH

Andrew Clark

A pesar de quase 640 quilômetros do Oceano Atlântico separarem as 10 ilhas principais de Cabo Verde da costa oeste da África, os ventos áridos do Deserto do Saara ainda conseguem deixar as ilhas carentes de umidade. Entretanto, um vento mais forte e cheio de vida também está chegando a Cabo Verde: o evangelho restaurado de Jesus Cristo.

À direita: Michelle e Pedro Semedo e família. A irmã Semedo pode ter sido a primeira cabo-verdiana a ser batizada.

CICLO COMPLETO

Tendo permanecido desabitadas até o século XV, as desoladas e vulcânicas Ilhas de Cabo Verde foram inicialmente colonizadas pelos portugueses, servindo de porto intermediário para o transporte de escravos africanos. Hoje, porém, os 400.000 cabo-verdianos possuem identidade própria,

que não é nem africana nem europeia. As ilhas tornaram-se independentes de Portugal em 1975. Apesar de a língua portuguesa ser ensinada nas escolas, os cabo-verdianos consideram o dialeto crioulo como sua língua nativa. A maioria das terras de Cabo Verde é árida demais para ser cultivada, mas os grandes jatos que agora rotineiramente se



AM A CABO VERDE

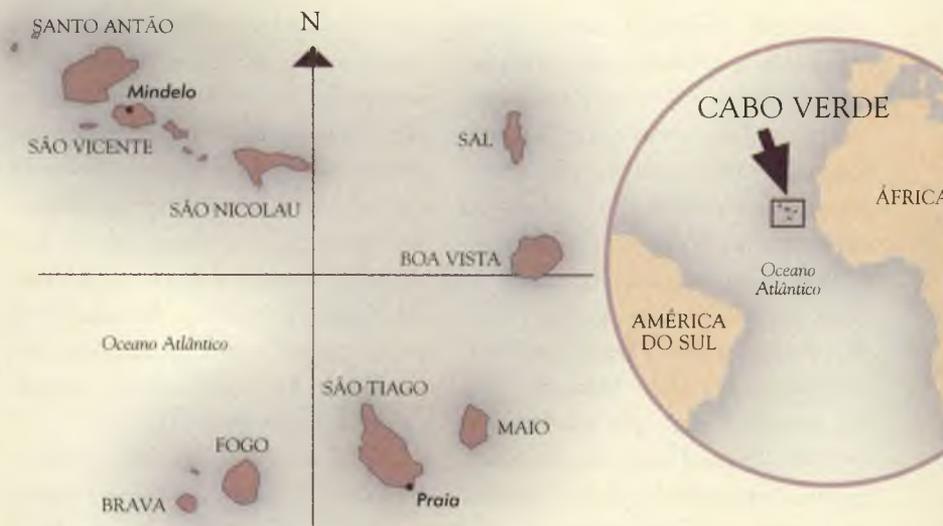


abastecem na Ilha do Sal também descarregam suprimentos alimentícios que ajudam a evitar a fome.

Mais de 2.600 cabo-verdianos filiaram-se à Igreja desde novembro de 1988, quando Marion K. Hamblin, então presidente da Missão Espanha Ilhas Canárias, visitou Cabo Verde. Logo após essa visita, ele enviou uma dupla de missionários para as ilhas, dando início ao trabalho de proselitismo. O Élder Dallin H. Oaks, do Quórum dos Doze Apóstolos, foi recebido pelos líderes governamentais e dedicou as ilhas em 1994. Em sua oração, pediu, entre outras coisas, que a terra tivesse melhores condições de prover o sustento de seu povo. A Igreja não apenas progrediu, mas o trabalho missionário completou o seu ciclo: cerca de 50 jovens cabo-verdianos já saíram do país para trabalhar como missionários e ajudar a Igreja a crescer em outros lugares.

DE CONVERSOS A LÍDERES

“O evangelho une a família”, diz o oficial militar reformado Antero Andrade, que foi batizado em 1993 numa das praias de São Vicente, que são continuamente varridas pelo vento. O irmão Andrade fala com conhecimento de causa: não apenas sua esposa, Orisa, e seus dois filhos filiaram-se à Igreja, mas também seus pais e todos os irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas. Apenas sua filha não foi batizada, porque ainda é muito nova.



O irmão Andrade é o presidente do Distrito Mindelo, que leva o nome da segunda maior cidade de Cabo Verde. Os dois outros distritos do país, sediados em Praia e Fogo, e 12 de seus 16 ramos são dirigidos por cabo-verdianos, que são, em sua maioria, recém-conversos. As ilhas fazem parte da Missão Portugal Lisboa Sul.

Embaixo à esquerda: Milena Sá Nogueira, presidente da Organização das Moças do Distrito Praia. Embaixo à direita: O Presidente Antonio Mascarenhas Gomes Monteiro, presidente da república de Cabo Verde, ao centro, recebe um exemplar do Livro de Mórmon do Élder e da Sister Maia, missionários de tempo integral brasileiros.



Michelle Semedo, que talvez tenha sido a primeira cabo-verdiana a ser batizada, filiou-se à Igreja em 1987, quando estava em Lisboa, Portugal, durante sua segunda gravidez, que foi bastante difícil. Ela levou um exemplar do Livro de Mórmon de volta para sua casa, na cidade de Praia, capital de Cabo Verde, localizada em São Tiago, a maior das ilhas.

"Amo o Livro de Mórmon", diz seu marido, Pedro, que foi batizado em 1993. O casal e seus quatro filhos gostam, em particular, da história dos três nefitas. "Sentimo-nos tocados por sua decisão altruísta de ficar com o povo para ajudá-lo", diz Michelle, que trabalha atualmente como presidente da Primária do Distrito Praia.

"Sempre levo o Livro de Mórmon comigo em minhas viagens de negócios", diz Pedro, que preside o Segundo Ramo de Praia. Ambos muito cultos, ele e a esposa trabalham em uma companhia estatal de alimentos e construção. Certa vez, ao viajar para a ilha de Santo Antão, que fica na região norte do arquipélago, Pedro desviou-se duas horas e meia de seu roteiro a fim de levar um Livro de Mórmon para alguém que havia discado por engano o número telefônico da família Semedo, uma semana antes.

UMA IGREJA JOVEM

Num país em que a grande maioria da população tem menos de 25 anos de idade, os jovens e os jovens adultos formam a maior parte dos

membros da Igreja. Nas cidades mais importantes, as aulas noturnas do seminário e instituto ajudam a aumentar o entusiasmo pelo evangelho e incentivam muitos jovens a prepararem-se para servir como missionários. Sob a liderança de professores cheios de energia como Milena Sá Nogueira, mais de 400 alunos já participaram dos programas de estudo do evangelho desde seu início, em janeiro de 1993.

"Eu costumava ensinar o evangelho a meus filhos", diz Milena, viúva e mãe de cinco filhos, que foi batizada em maio de 1992. "Agora são os meus filhos que me ensinam." Milena vem realizando noites familiares todas as semanas desde seu batismo e hoje serve como presidente da Organização das Moças do Distrito, em Praia. No início de 1995, ela ajudou a organizar o envio de alimentos e roupas, quando um vulcão entrou em erupção na ilha de Fogo e deixou mais de mil pessoas desabrigadas.

FORTELECENDO A FAMÍLIA

Como o casamento nunca foi uma tradição religiosa ou social muito forte em Cabo Verde, muitos casais que se filiam à Igreja precisam casar-se primeiro. Por exemplo: Claudemiro e Margarida Cardoso, que trabalham como feirantes em Praia, viveram juntos por 26 anos antes que o mais velho de seus oito filhos, Kaiuka, de 19 anos, se filiasse à Igreja. Três outros irmãos aceitaram o evangelho antes

de Claudemiro e Margarida decidirem filiar-se à Igreja, em junho de 1993. Antes de ser batizados, foram unidos em matrimônio num cartório de Praia.

Em julho de 1994, o presidente Aníbal Moreira, presidente do Distrito de Praia, e a esposa, Maria do Rosário (Zezá), viajaram ao Templo de Washington, em Washington, D.C., e tornaram-se o primeiro casal de cabo-verdianos a ser selado no templo. Outras famílias também demonstram forte compromisso com o evangelho de Jesus Cristo.

Citando mais de 80 casamentos e batismos semelhantes aos da família Cardoso, o Sr. Antonio Mascarenhas Gomes Monteiro, presidente da República de Cabo Verde, homenageou recentemente a Igreja por ajudar a fortalecer a família. Outros líderes governamentais manifestaram publicamente sua admiração pelos membros da Igreja, citando seu empenho em atingir a auto-suficiência e no trabalho de ajuda ao próximo. Como declarou o Presidente Moreira: "Nas páginas da história de Cabo Verde, os historiadores hão de enaltecer os santos dos últimos dias". □

No alto à esquerda: Membros do distrito participam de uma atividade cultural; Claudemiro e Margarida Cardoso e família; um casamento na ilha de Fogo. À direita: Raul Gomes, Presidente do Distrito Fogo.





GLÓRIA EM VEZ DE CINZA

O Sacrifício Expiatório
de Jesus Cristo

Élder Bruce C. Hafen
Dos Setenta



DETAHE DE CRISTO NO GÉTSÉMANI, DE HEINRICH HOFMANN

Todos provamos as amargas cinzas da vida, desde o pecado e negligência até a tristeza e o desapontamento. Mas a expiação de Cristo pode elevar-nos em glória de nossas cinzas, nas asas de uma segura promessa de imortalidade e vida eterna. Desse modo, Ele irá elevar-nos não apenas no final da vida, mas a cada dia de nossa vida.



FOTOGRAFIA DE FLOYD HOLDMAN

Alguns membros da Igreja sentem-se desanimados com as condições de sua própria vida, apesar de estarem-se esforçando de modo constante e admirável no intuito de melhorá-la. Frequentemente esse desapontamento pessoal não é resultado de coisas erradas que fizeram, mas de problemas pelos quais não são inteiramente responsáveis. A expiação de Jesus Cristo aplica-se a essas experiências porque se aplica à vida como um todo. O Salvador pode enxugar *todas* as nossas lágrimas, “depois de tudo o que pudermos fazer”. (2 Néfi 25:23)

Em Lucas 4:18, Jesus cita um trecho de uma passagem de Isaías que descreve o propósito principal de Seu ministério. A escritura de Isaías declara: “O Espírito do

Senhor (. . .) me ungiu, para pregar boas novas aos mansos; (. . .) a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, (. . .) a ordenar acerca dos tristes de Sião (. . .) *glória em vez de cinza* (. . .)”. (Isaías 61:1, 3; grifo do autor)

Assim sendo, a expiação do Salvador representa o poder para curar não apenas o pecado, mas também a imprudência, a inaptidão e todas as amarguras mortais. A Expiação não é apenas para os pecadores.

“DEPOIS DE TUDO O QUE PUDERMOS FAZER”

· Precisamos compreender mais plenamente a Expiação, para evitar que não-membros interpretem mal



Por meio do Espírito Santo, a Expição possibilita-nos dispor de certos dons espirituais que realmente purificam nosso caráter e permitem-nos viver uma vida mais "eterna" ou semelhante a Deus.

noções incorretas a outras pessoas, mas é pior ainda negarmos a nós mesmos, devido a uma compreensão limitada da doutrina, o consolo e a orientação de que tanto necessitamos nos momentos cruciais de nossa vida.

É compreensível nossa relutância em pregar a doutrina da salvação pela graça. Néfi escreveu: "(...) Pois sabemos que é pela graça que somos salvos, *depois de tudo o que pudermos fazer*". (2 Néfi 25:23; grifo do autor) A ênfase constante na salvação pela graça pode levar algumas pessoas a ignorarem a vital declaração "depois de tudo o que pudermos fazer" nesse processo dual. Isso pode fazer com que aceitem o conceito falso de que seremos salvos pela graça divina, mesmo escolhendo viver em pecado. Alguns cristãos acreditam que serão salvos pela graça, a despeito de tudo o que fizerem na vida. Na verdade, essa doutrina nega totalmente o livre-arbítrio, dando a entender que Deus escolherá quem Ele irá salvar, sem levar em consideração a conduta ou mesmo as preferências dessas pessoas.

De modo semelhante, alguns membros da Igreja sentem-se no direito de cometer alguns "pequenos pecados", sem merecerem qualquer punição por isso, vivendo constantemente no limiar da transgressão. Ou então, acreditam que o arrependimento exija pouco mais do que um pedido de desculpas. A ênfase constante na disponibilidade do perdão pode ser contraproducente nesses casos, sugerindo erroneamente que as pessoas possam pecar agora e arrepender-se facilmente depois, sem que haja qualquer conseqüência perniciosa.

Apesar desses motivos para justificar a cautela, a bênção de fazer da Expição algo mais central em nossa vida supera todos os riscos. Fazemos mais mal quando minimizamos constantemente o significado mais amplo da Expição do que quando deixamos de consolar-nos uns aos outros, pois algumas pessoas, por demais desanimadas com suas incertezas e cansaço espiritual, podem simplesmente desistir de tentar.

FOTOGRAFIA DE CRAIG DIMOND

nossa doutrina e para não limitarmos excessivamente o significado da Expição em nossa própria vida. Por exemplo, a revista *Newsweek* declarou erroneamente: "Ao contrário do cristianismo tradicional, os mórmons acreditam que os homens nascem livres de pecado e se aproximam de Deus pelo exercício de seu livre-arbítrio, não pela graça de Jesus Cristo. Do ponto de vista mórmon, portanto, o sofrimento e a morte de Jesus (...) não expiam os pecados de outras pessoas". (*Newsweek*, 1º de setembro de 1980, p. 68.)

Fico extremamente preocupado ao observar que a revista *Newsweek* tenha deixado de compreender nossa doutrina mais básica, mesmo que o artigo não se propusesse a resumir nossa teologia, mas somente expor as crenças dos santos dos últimos dias. É triste passarmos

O próprio Salvador não se mostrou preocupado em parecer demasiadamente tolerante com relação ao pecado. Ele disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei (. . .) Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve". (Mateus 11:28, 30) Ele proferiu essas palavras consoladoras ao pedir que Seus seguidores desenvolvessem o puro amor, capaz de eliminar o ódio, a cobiça e a raiva. Seu jugo é suave, mas Ele requer todo o nosso coração.

Suas palavras não descrevem um evento, mas um processo. Ele não pede que respondamos a uma pergunta com "sim" ou "não", mas que escrevamos uma tese ao longo de nossas muitas experiências difíceis. Ao trilharmos o caminho da vida, descobriremos que Ele não apenas conhece nossas limitações, mas também irá compensá-las no devido tempo, "depois de tudo o que pudermos fazer". Isso, somado ao perdão dos pecados, é parte essencial das boas novas do evangelho, parte da vitória, parte da Expição.

AS DOCTRINAS BÁSICAS DA EXPIÇÃO

As doutrinas básicas da santa Expição relacionam-se em primeiro lugar à transgressão de Adão e Eva e a nossos pecados pessoais. A Queda fez com que Adão e Eva e seus filhos se tornassem sujeitos à morte, ao pecado e outras características da mortalidade que os afastaram da presença de Deus. A fim de permitir que a humanidade se unisse novamente a Deus, a *justiça* divina exigiu uma compensação pelas conseqüências da queda. A *misericórdia* de Deus permitiu que o Salvador fizesse essa compensação por meio da Expição.

Por ter vivido uma vida sem pecado, por Sua natureza genética como Filho Unigênito do Pai e Sua disposição de beber da taça amarga da justiça, o Salvador conseguiu expiar *incondicionalmente* pela transgressão de Adão e Eva e pela morte física, e expiar *condicionalmente* por nossos

pecados pessoais. A parte incondicional da Expição é um dom gratuito da graça, não exigindo qualquer outra ação de nossa parte. A parte condicional, porém, requer nosso arrependimento como condição para que a misericórdia seja exercida com relação a nossos pecados pessoais. Se não nos arrependermos, teremos que sofrer como o Senhor sofreu para satisfazer às exigências da justiça. (Ver D&C 19:15-17.)

Se recusarmos-nos a arrepender-nos e tivermos, portanto, que satisfazer a justiça sofrendo por nossos próprios pecados, permaneceremos despreparados para entrar no reino celestial. A menos que aceitemos o convite do Salvador de permitir que Ele tome sobre Si os nossos pecados, não experimentaremos a completa reabilitação que resulta da combinação do auxílio divino com o arrependimento sincero. Fazendo uma analogia, os criminosos não estarão necessariamente reabilitados por terem cumprido determinado número de anos para pagarem sua dívida com a sociedade. Uma sentença de prisão pode satisfazer nosso senso de justiça, mas a reabilitação real requer uma verdadeira mudança de caráter.

A misericórdia e o arrependimento são reabilitadores, não retribuidores. O Salvador pede-nos que nos arrependamos não apenas como retribuição por ter pago nossa dívida para com a justiça, mas para induzir-nos a um desenvolvimento pessoal que purificará nosso verdadeiro caráter. O "homem natural" permanecerá para sempre inimigo de Deus; mesmo depois de ter pago por seus próprios pecados, a menos que também se torne "santo pela expiação de Cristo, o Senhor". (Mosias 3:19)

Alguns consideram o arrependimento muito fácil, e outros consideram-no muito difícil. Aqueles que o consideram muito fácil não percebem muitos pecados grandes em sua vida, ou acreditam que um pedido superficial de perdão seja o suficiente. Essas pessoas deveriam ler o livro *O Milagre do Perdão* do Presidente Spencer W. Kimball, que aborda tanto os pecados cometidos quanto os de

omissão. Apesar de o perdão ser um milagre, ele não é alcançado sem que haja um esforço árduo e penoso.

No outro extremo estão os que consideram que o arrependimento lhes exige mais do que podem oferecer. Muitos acreditam ser inteiramente responsáveis pela compensação de seus próprios pecados. Na verdade, o arrependimento exige que o transgressor faça plena restituição por seus pecados até o limite de sua capacidade. Existem ocasiões, porém, em que *não* podemos compensar plenamente. É simplesmente impossível devolver a virtude perdida do mesmo modo que devolvemos um carro roubado. Como não temos o poder de compensar plenamente os resultados de nossas transgressões, dependemos de Cristo para a restituição final, não importando quão sincero seja nosso arrependimento.

ADOÇAR O AMARGO

Mesmo após o Salvador ter aceitado nosso arrependimento sincero e ter-nos abençoado com Sua misericórdia, estaremos prontos apenas para *entrar* no “caminho estreito e apertado que conduz à vida eterna”. (2 Néfi 31:18) Depois disso, devemos atentar para os demais processos de santificação pessoal decorrentes da Expição: o processo de sairmos do jugo do pecado, passando pela purificação do arrependimento, até a maravilhosamente completa natureza divina. Existem pelo menos duas áreas em que a graça do Senhor abençoa-nos bem além da compensação de nossos pecados: o processo de *adoçar o amargo* e o de *alcançar a perfeição divina*.

Consideremos em primeiro lugar o conceito de provar



Pensem nos acidentes provocados pelo descuido, como dormir ao volante. Esses incidentes podem ter tristes conseqüências, mas nem todos são resultado de pecados conscientes. Será que a expiação de Jesus Cristo pode juntar as partes quebradas e transformar em glória as cinzas de experiências como essas?



o amargo para darmos valor ao doce. A transgressão de Adão e Eva não foi exatamente um erro ou “pecado”, no sentido em que geralmente usamos esse termo. Apesar de sua escolha ter violado o mandamento de não comer do fruto, essa mesma escolha era necessária para permitir que obedecessem ao mandamento de ter filhos. Sua “transgressão”, portanto, foi uma escolha dolorosa, porém correta, sendo até mesmo uma escolha eternamente gloriosa: “Se não fosse pela nossa transgressão, jamais teríamos conhecido o bem e o mal nem a alegria de nossa redenção”. (Moisés 5:11)

Assim, quando a Expição foi aplicada pela primeira vez a um ato humano, ela compensou as conseqüências dolorosas de uma escolha que era mais imperfeita do que verdadeiramente um “pecado”. Da mesma forma que





FOTOGRAFIA DE JED CLARK



Tive certa vez uma conversa triste e compassiva com um líder do sacerdócio que se sentia inteiramente responsável pela rebeldia de seu filho desobediente. A expiação de Jesus Cristo pode reparar aquilo que para nós não tem conserto.

aconteceu com Adão e Eva, fazemos muitas escolhas imperfeitas que trazem dores ou problemas para nós e outras pessoas. Algumas de nossas escolhas podem ser sensatas, mas outras não são. Pensem nos acidentes provocados pelo descuido, como dormir ao volante. Eles podem ter efeitos devastadores e tão trágicos quanto a violência deliberada. Pensem nas palavras grosseiras e as promessas esquecidas feitas a membros da família. Esses incidentes podem ter tristes conseqüências, mas nem todos são resultado de pecados conscientes.

Num sentido bastante importante, nossas escolhas imperfeitas conduzem-nos à árvore do conhecimento do bem e do mal, assim como a escolha de Adão e Eva conduziu-os a essa mesma árvore. Ao confrontarmos as conseqüências tristes e alegres de nossas escolhas, podemos

aprender por experiência própria, como eles o fizeram, a distinguir o doce do amargo.

Uma jovem aluna de piano ficou certa vez muito desanimada por causa de seus erros. Sempre que aprendia uma peça, sua professora dava-lhe uma peça nova e mais difícil, e a aluna começava novamente a tocar notas erradas. Ela concluiu que não estava aprendendo nada, porque sempre cometia erros nas peças novas. Sua professora então explicou-lhe que ninguém aprende a tocar piano sem cometer muitos erros. Os alunos bem sucedidos são aqueles que aprendem com seus erros.

Adquirimos muitas outras aptidões na vida do mesmo modo: por meio da prática, da tentativa e erro. Aprendemos a amar, por exemplo, reagindo aos sons amargos das notas erradas que ressoam desagradavelmente em nossos ouvidos emocionais, quando magoamos uma pessoa querida sem querer.

A vida é uma escola, um lugar para aprendermos e crescermos. Da mesma forma que aconteceu com Adão e Eva, experimentamos as dores do crescimento por intermédio das tristezas e impurezas de um mundo solitário e triste. Essas experiências podem incluir o pecado, mas também incluem erros, desapontamentos e a dor não merecida da adversidade. As abençoadas boas novas do evangelho proclamam que a expiação de Jesus Cristo pode purificar-nos de toda a impureza e adoçar toda a amargura que provarmos.

Podemos pensar no nível de nossa responsabilidade pessoal pelas coisas ruins que nos acontecem na vida como uma escala contínua que vai do pecado à adversidade, sendo bem elevado em um extremo e nulo no outro. No extremo do “pecado” dessa escala, somos gravemente responsáveis, pois fazemos cair sobre nós os amargos frutos do pecado. Mas no outro extremo da escala, denominado “adversidade”, podemos não ter responsabilidade alguma. A amargura da adversidade pode acometer-nos, assim como aconteceu com Jó no Velho

Testamento, independente de nossa responsabilidade real e consciente.

Ao longo dessa escala de nível de responsabilidade, entre os extremos do pecado e da adversidade, encontram-se pontos intermediários como as escolhas insensatas e as decisões apressadas. Nesses casos, talvez não esteja claro quanta responsabilidade pessoal temos pelos frutos amargos que provamos ou fazemos outros experimentar. A amargura pode ser a mesma e destruir nossa paz, partir-nos o coração e afastar-nos de Deus. Será que a expiação de Jesus Cristo pode juntar as partes quebradas e transformar em glória as cinzas de experiências como essas?

Creio que sim, porque provar todas as formas de amargura é algo que foi deliberadamente incluído no grande plano da vida. Essa conseqüência da Queda não foi simplesmente um erro terrível, mas dá à mortalidade o seu significado mais profundo: "Provam do amargo, *para saber como apreciar o bem*". (Moisés 6:55; grifo do autor)

A Expição pode curar os efeitos de provarmos toda essa amargura. Esse poder de cura limpa nosso espírito, sob a condição do arrependimento, quando nossa alma está assolada pelo pecado. Ela também pode compensar, "depois de tudo o que pudermos fazer", não apenas as conseqüências de nossos pecados, mas também os efeitos nocivos de nossa ignorância e negligência.

Tive certa vez uma conversa triste e compassiva com um fiel líder do sacerdócio que se sentia inteiramente responsável pela rebeldia de seu filho desobediente. Ele havia procurado intensamente disciplinar o menino, mas não teve sucesso. Disse que as escrituras ensinavam que se um homem não conseguia cuidar de sua própria casa, como podia cuidar da Igreja? (Ver I Timóteo 3:5.) Estava em dúvida se deveria ser desobrigado de seu chamado.

Era impossível para mim saber, e provavelmente para ele também, que grau de responsabilidade ele realmente tinha pelo que o filho estava fazendo. Não precisava, porém, saber a resposta dessa pergunta para saber que o

poder curador do Senhor estava a seu alcance. Vendo as lágrimas em seus olhos, pensei no profeta Alma, que também tinha um filho assim. Pensei em Adão e Eva, que também tiveram um filho como esse. Pensei em outros pais cujos filhos fizeram mau uso de seu livre-arbítrio.

Pensei também que, apesar de nenhum outro sucesso compensar nosso fracasso dentro ou fora do lar, existe um sucesso que pode compensar aquilo que está fora de nosso alcance, depois de tudo o que pudermos fazer. Esse sucesso é a expiação de Jesus Cristo, que pode reparar aquilo que para nós não tem conserto. Suponho que essa influência sagrada possa até mesmo vir a fazer pelo filho daquele homem o que fez por Alma, o filho.

NOSSA BUSCA DA DIVINA PERFEIÇÃO

Em segundo lugar, a graça do Senhor pode abençoar-nos, além da compensação por nossos pecados, em nossa busca da perfeição divina. Apesar de grande parte do processo de aperfeiçoamento envolver a cura do pecado e da amargura, ele tem outro aspecto positivo por meio do qual adquirimos uma natureza semelhante à de Cristo, tornando-nos até mesmo como o Pai e o Filho são.

Em Seu próprio desenvolvimento para alcançar a perfeição, o Salvador recebeu a graça *do Pai*. "A princípio Ele não recebeu a plenitude, mas recebeu graça por graça (. . .) até receber a plenitude." (D&C 93:12-13) Ele teve uma vida sem pecado; portanto recebeu graça não para compensar Seus pecados, mas para fortalecer Seu crescimento pessoal:

"Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu.

E, *sendo ele consumado* veio a ser a causa da eterna salvação para todos os que lhe obedecem." (Hebreus 5:8-9; grifo do autor) [N.do T.: na versão em língua inglesa da Bíblia do Rei Jaime lê-se "tornando-se Ele perfeito"].

Nosso relacionamento com o Salvador pode ser

Uma jovem aluna de piano ficou certa vez muito desanimada por causa de seus erros. Sua professora então explicou-lhe que ninguém aprende a tocar piano sem cometer muitos erros. A vida é uma escola, um lugar para aprendermos e crescermos. A expiação de Jesus Cristo pode purificar-nos de toda a impureza e adoçar toda a amargura que provarmos.



exatamente igual ao relacionamento que Ele tem com o Pai: “Pois, se guardardes os Meus mandamentos, recebereis a Sua plenitude e sereis *glorificados em Mim, como Eu sou no Pai*; portanto, vos digo, vós recebereis graça por graça”. (D&C 93:20; grifo do autor)

Quando a Expição e nosso arrependimento satisfazem as leis da justiça e da misericórdia, ficamos, de fato, livres do pecado. Mas assim como o Cristo sem pecado “tornou-se perfeito” por meio de sua interação com a graça do Pai, Sua graça expiadora pode conduzir-nos para além da remissão dos pecados até a perfeição de uma natureza divina. Aqueles que herdarão o reino celestial serão “os homens *justos, aperfeiçoados* através de Jesus, o Mediador do novo convênio, o Qual pelo derramamento do Seu próprio sangue obrou esta expiação perfeita”. (D&C 76:69; grifo do autor) Nas palavras de Morôni: “Sim, vinde a Cristo, sede aperfeiçoados nele (. . .) pela graça de Deus, por meio do derramamento do sangue de Cristo”. (Morôni 10:32–33)

Essas escrituras deixam claro que não alcançaremos a perfeição unicamente por meio de nossos próprios esforços. Esse simples conhecimento dá-nos uma nova perspectiva. Por sentir-nos assoberbados com a admoestação das escrituras de buscarmos a perfeição, a idéia de que a graça divina seja a fonte final de nossa perfeição parece boa demais para ser verdade. Esse é o sentimento despertado pela graça de Cristo nos que carregam o fardo de pecados verdadeiramente graves. As pessoas sinceras denominadas “santos” podem sentir o mesmo ao tropeçarem diariamente nos obstáculos desanimadores de suas óbvias imperfeições. O evangelho, porém, tem boas novas não somente para o transgressor, mas para todos os que desejam tornar-se melhores do que são.

Por meio do Espírito Santo, a Expição possibilita-nos dispor de certos dons espirituais que realmente purificam nosso caráter e permitem-nos viver uma vida mais “eterna” ou semelhante a Deus. No estágio final, partilharemos

do fruto da árvore da vida e da divina natureza de Deus. Teremos então um caráter divino não apenas por acharmos que precisamos dele, mas porque assim seremos.

O dom da *caridade* exemplifica esse processo, apesar de ela ser apenas parte do “maior de todos os dons de Deus”: a vida eterna (D&C 14:7). Esse amor, “o amor [que o Senhor teve] pelos filhos dos homens” (Éter 12:34), não se desenvolve inteiramente por nosso próprio poder, apesar de a fidelidade ser um requisito necessário para recebê-lo. Em vez disso, a caridade é *concedida* aos “verdadeiros seguidores” de Cristo. (Morôni 7:48; grifo do autor) Sua fonte, como a de todas as outras bênçãos da Expição, é a graça de Deus. Morôni disse: “Eu orei ao Senhor a fim de que ele desse graça aos gentios, para que tenham caridade”. (Éter 12:36)

O propósito de conceder-nos a caridade não é simplesmente fazer com que os seguidores de Cristo participem de ações de caridade para o próximo, por mais desejável que isso seja. O propósito final é transformar Seus seguidores, tornando-os semelhantes a *Ele*: “ele concedeu [esse amor] a todos os que são verdadeiros seguidores de seu Filho, Jesus Cristo (. . .) que quando ele aparecer, sejamos como ele”. (Morôni 7:48) A Expição não apenas nos permite estarmos com Deus, mas também nos tornarmos semelhantes a Ele.

Outra dádiva real da graça é o dom da *esperança*, que nos abençoa com o estado de espírito necessário para lidarmos com o desnível entre o que somos e o que procuramos nos tornar. Quando a remissão de nossos pecados nos torna mansos e humildes o suficiente para recebermos o Espírito Santo, o Confortador enche-nos de “esperança”. (Ver Morôni 8:25–26) O dom da esperança proporciona paz e uma nova perspectiva, de modo semelhante ao ânimo que experimentamos quando um amigo querido nos mostra um novo ângulo sobre certo problema e nos faz sentir que existe luz no fim do túnel. Essa esperança pode literalmente salvar-nos a vida, quando nos for





concedida pelo Salvador, porque a luz no fim do mais escuro túnel da vida é a Luz e a Vida do mundo.

SALVOS DE NOSSAS INCAPACIDADES

O Salvador deseja salvar-nos de nossas incapacidades assim como de nossos pecados. Uma incapacidade não é o mesmo que um pecado — temos muito mais controle sobre nossas decisões de pecar do que sobre nossas capacidades inatas. O Senhor não nos salvará em nossos pecados, mas *deles*. No entanto, Ele pode salvar-nos em nossas incapacidades assim como delas. A sensação de fracasso ou de não sermos adequados não é apenas natural, mas essencial à experiência mortal. Mas “depois de tudo o que pudermos fazer”, a Expição pode preencher o espaço vazio, desentorturar as partes tortas e fortalecer as fracas.

Em seu admirável e muitas vezes cego e persistente senso de responsabilidade pessoal, alguns acreditam que na busca da vida eterna a Expição seja apenas para os grandes pecadores. Como santos dos últimos dias normais que apenas precisam se esforçar um pouco mais, essas pessoas sentem que deveriam conseguir as coisas pelo esforço próprio.

A verdade é que não devemos fazer as coisas a nossa própria maneira, mas da maneira *Dele*.

Depois que Adão e Eva comeram do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, o Senhor barrou o acesso à árvore da vida. Eles precisavam de tempo e espaço para o propósito da mortalidade de moldarem sua vida. (Ver Alma 42:5.) Precisavam provar o amargo a fim de “saber como apreciar” — compreender o que *significa* — “o bem” representado pela segunda árvore. Nunca foi a intenção do Senhor deixar-nos comer do fruto da árvore da vida e desse modo ganhar livre acesso à graça aperfeiçoadora, antes de tropeçarmos muito para aprender tudo o que pudermos com os desapontamentos e surpresas deste vale de lágrimas. Da mesma forma que Adão e Eva, devemos tirar o melhor proveito de nossas condições. Não precisamos desculpar-nos da típica bagunça em que vivemos.

Somos moldados justamente por essa natureza triste e solitária de nosso mundo. Talvez somente consigamos apreciar e compreender o dom da vida eterna *depois de tudo o que pudermos fazer*. Até sermos preparados pelo que podem parecer meios extremamente imperfeitos, não estaremos prontos para os dons que aperfeiçoarão nosso caráter.

Em seu sonho da árvore da vida, Leí viu-se num deserto escuro e triste e avistou outras pessoas envolvidas por uma grande névoa de escuridão. O caminho para fora dessa escuridão era aquele que conduzia à árvore da vida — a mesma, suponho, que Adão e Eva foram impedidos de alcançar, até que também trilhassem o mesmo caminho seguido por Leí. O caminho era demarcado pela barra de ferro, a palavra de Deus. (Ver 1 Néfi 8:7–30.) Agarrando-nos firmemente à barra em meio à névoa de escuridão, como Leí, arrastamo-nos e movemo-nos rumo a nosso lar. Ao fazê-lo, é provável que descobramos que a fria barra de ferro logo começará a parecer Sua cálida, firme e carinhosa mão, que literalmente nos puxa por todo o caminho. Descobriremos que Sua mão é forte o suficiente para salvar-nos, cálida o bastante para assegurar-nos de que nosso lar não está muito longe. Reunimos, então, todas as nossas forças para corresponder a Seu amor, até estarmos novamente envoltos nos braços do Senhor.

É extremamente importante que estejamos do lado do Senhor. Mas também não devemos esquecer-nos de que o Senhor está do *nosso* lado.

Todos provamos as amargas cinzas da vida, desde o pecado e negligência até a tristeza e o desapontamento. Mas a expiação de Cristo pode elevar-nos em glória de nossas cinzas, nas asas de uma segura promessa de imortalidade e vida eterna. Desse modo, Ele irá elevar-nos não apenas no final da vida, mas a cada dia de nossa vida.

“Não sabes, não ouviste que o eterno Deus (. . .) dá força ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor (. . .) Os que esperam no Senhor (. . .) subirão com asas como águias; correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão.” (Isaías 40:28–31) □



“**G**raças damos a Deus pela maravilha e majestade de Seu plano eterno. Elevamos nossa gratidão e louvor a Seu Filho Amado, que com sofrimento indescritível deu a vida na cruz do Calvário para pagar as dívidas do pecado de todos os mortais. Foi Ele quem, pelo mérito de Seu sacrifício expiatório, rompeu as cadeias da morte e com poder divino ergue-Se triunfantemente do



sepulcro. Ele é nosso Redentor, o Redentor de toda a humanidade. É o Salvador do mundo; o Filho de Deus e a

causa de nossa salvação.” ☪ “Regozijamo-nos, portanto, como muitas outras pessoas o fazem e como deveria fazer toda a humanidade, ao lembrarmos do mais glorioso, consolador e reconfortante de todos os acontecimentos da história da humanidade: a vitória sobre a morte.” (Ver Presidente

Gordon B. Hinckley, “A Vitória sobre a Morte”, p. 2.)



ACIMA, À ESQUERDA: FOTOGRAFIA DE MATT REIER. ACIMA, À DIREITA: DETALHE DE CRISTO NO GETSÊMANI, DE HEINRICH HOFMANN. ABAIXO, À ESQUERDA: DETALHE DE A CRUCIFICAÇÃO, DE CARL HEINRICH BLOCH. ORIGINAL DA CAPELA DO CASTELO FREDERIKSBORG, DINAMARCA. USADO COM PERMISSÃO DO MUSEU DE FREDERIKSBORG. ABAIXO, À DIREITA: PARA QUE SAIBAIS, DE GARY KAPP.

